

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Machado de Assis
por seus contemporâneos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Machado de Assis por seus contemporâneos

Araripe Júnior - Euclides da Cunha - João do Rio
- José Veríssimo - Rui Barbosa - Silvio Romero

“Projeto Livro Livre”

Livro 55



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta coletânea sobre Machado de Assis: “*Machado de Assis por seus Contemporâneos*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A.), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da Cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de O Guarani para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Filho do operário Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a mãe muito cedo, pouco mais se conhecendo de sua infância e início da adolescência. Foi criado no morro do Livramento. Sem meios para cursos regulares, estudou como pôde e, em 1854, com 15 anos incompletos, publicou o primeiro trabalho literário, o soneto "À Ilma. Sra. D.P.J.A.", no Periódico dos Pobres, número datado de 3 de outubro de 1854. Em 1856, entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, e lá conheceu Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Em 1858, era revisor e colaborador no Correio Mercantil e, em 60, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à redação do Diário do Rio de Janeiro. Escrevia regularmente também para a revista O Espelho, onde estreou como crítico teatral, a Semana Ilustrada e o Jornal das Famílias, no qual publicou de preferência contos.

O primeiro livro publicado por Machado de Assis foi a tradução de Queda que as mulheres têm para os tolos (1861), impresso na tipografia de Paula Brito. Em 1862, era censor teatral, cargo não remunerado, mas que lhe dava ingresso livre nos teatros. Começou também a colaborar em O Futuro, órgão dirigido por Faustino Xavier de Novais, irmão de sua futura esposa. Seu primeiro livro de poesias, Crisálidas, saiu em 1864. Em 1867, foi nomeado ajudante do diretor de publicação do Diário Oficial. Em agosto de 69, morreu Faustino Xavier de Novais e, menos de três meses depois (12 de novembro de 1869), Machado de Assis se casou com a irmã do amigo, Carolina Augusta Xavier de Novais. Foi companheira perfeita durante 35 anos. O primeiro romance de Machado, Ressurreição, saiu em 1872. No ano seguinte, o escritor foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando assim a carreira de burocrata que lhe seria até o fim o meio principal de sobrevivência. Em 1874, O Globo (jornal de Quintino Bocaiúva), em folhetins, o romance A mão e a luva. Intensificou a colaboração em jornais e revistas, como O Cruzeiro, A Estação, Revista Brasileira (ainda na fase Midosi), escrevendo crônicas, contos, poesia, romances, que iam saindo em folhetins e depois eram publicados em livros. Uma de suas peças, Tu, só tu, puro amor, foi levada à cena

no Imperial Teatro Dom Pedro II (junho de 1880), por ocasião das festas organizadas pelo Real Gabinete Português de Leitura para comemorar o tricentenário de Camões, e para essa celebração especialmente escrita. De 1881 a 1897, publicou na Gazeta de Notícias as suas melhores crônicas. Em 1880, o poeta Pedro Luís Pereira de Sousa assumiu o cargo de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e convidou Machado de Assis para seu oficial de gabinete (ele já estivera no posto, antes, no gabinete de Manuel Buarque de Macedo). Em 1881 saiu o livro que daria uma nova direção à carreira literária de Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas, que ele publicara em folhetins na Revista Brasileira de 15 de março a 15 de dezembro de 1880. Revelou-se também extraordinário contista em Papéis avulsos (1882) e nas várias coletâneas de contos que se seguiram. Em 1889, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio no Ministério em que servia.

Grande amigo de José Veríssimo, continuou colaborando na Revista Brasileira também na fase dirigida pelo escritor paraense. Do grupo de intelectuais que se reunia na Redação da Revista, e principalmente de Lúcio de Mendonça, partiu a idéia da criação da Academia Brasileira de Letras, projeto que Machado de Assis apoiou desde o início. Comparecia às reuniões preparatórias e, no dia 28 de janeiro de 1897, quando se instalou a Academia, foi eleito presidente da instituição, à qual ele se devotou até o fim da vida.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de Crisálidas (1864) e Falenas (1870), passando pelo Indianismo em Americanas (1875), e o parnasianismo em Ocidentais (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de Contos fluminenses (1870) e Histórias da meia-noite (1873); os romances Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

A obra de Machado de Assis foi, em vida do Autor, editada pela Livraria Garnier, desde 1869; em 1937, W. M. Jackson, do Rio de Janeiro, publicou as Obras completas, em 31 volumes. Raimundo Magalhães Júnior organizou e publicou, pela Civilização Brasileira, os seguintes volumes de Machado de Assis: Contos e crônicas (1958); Contos esparsos (1956); Contos esquecidos (1956); Contos recolhidos (1956); Contos avulsos (1956); Contos sem data (1956); Crônicas de Lélío (1958); Diálogos e reflexões de um relojoeiro (1956). Em 1975, a Comissão Machado de Assis, instituída pelo Ministério da Educação e Cultura e encabeçada pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, organizou e publicou, também pela Civilização Brasileira, as Edições críticas de obras de

Machado de Assis, em 15 volumes, reunindo contos, romances e poesias desse escritor máximo da literatura brasileira.

Academia Brasileira de Letras

ÍNDICE

Araripe Júnior (1848 - 1911)	1
Euclides da Cunha (1866 -1909)	3
João do Rio (1881 - 1921)	5
José Veríssimo (1857 - 1916)	7
Rui Barbosa (1849 - 1923)	21
Silvio Romero (1851 - 1914)	25

ARARIPE JÚNIOR

(1848-1911)

Sobre Machado de Assis, de Sílvio Romero

O último trabalho de tomo, dado aos prelos por Sílvio Romero, foi um estudo sobre Machado de Assis.

Um fenômeno curioso é o que se nota nesse estudo. Sílvio Romero, a cada instante, declara que mudou de temperamento, amainou as velas e acha-se predisposto a uma grande complacência. Machado de Assis não lhe parece ser o homem impossível que ele atacava em 1872 e 1880. Tem qualidades e representa um bom esforço literário. Todas estas declarações, porém, são ilusórias; e o crítico, que, segundo me parece, não quis concentrar o seu espírito na obra, já bastante extensa, do autor de *Brás Cubas*, faz ressurgir suas antigas antipatias, recorrendo ao seu processo predileto de esbordoar os outros com essa clava de Hércules chamada Tobias Barreto.

Com justa razão, geralmente se achou extravagante que o crítico escolhesse o falecido lente de criminologia do Recife para confrontar com o nosso, pode-se dizer, único humorista. Se ainda o fizesse para mostrar o contraste dessas duas naturezas, vá; mas não se deu isto: o autor da *História da Literatura Brasileira* pretendeu, antes de tudo, mostrar que Tobias era um humorista valente e incomparável, diante das deliquescências de Machado de Assis.

Não sei se deva dizer que o que ali se expende, a respeito do autor de *Dias e Noites*, causou a impressão de um corpo estranho metido à força numa garrafa de azeite. O livro, na sua maior parte, repete o que Sílvio Romero já disse vinte vezes sobre o talento indisputável do grande sergipano; apenas acrescenta algumas novas considerações relativas ao seu temperamento alegre. Tobias, porém, podia ser tudo, menos um humorista; e nem ao crítico apadrinham as opiniões de Schérer e Taine, quando definem esse gênero de literatura.

Que pode haver de comum entre esse excentricismo ou humorismo anglosaxônio e a alegria ruidosa de Tobias? Conheci o ilustre morto nos seus melhores tempos; e posso garantir, pelo que observei e tenho lido desse autor, que nunca, sobre a Terra, pisou homem de alma menos tristonha. Tobias era um boêmio incorrigível, genial, talvez, para cujo temperamento maligno nada havia superior, em deleite, ao exercício do espírito de tropa. Nas questões mais intrincadas e sérias, raro era que ele não desse largas ao seu gênio e, de súbito, não irrompesse em verdadeiras molecagens para fazer encavacar os seus antagonistas. Ainda tenho presente uma dessas troças. Examinavam um

estudante em direito eclesiástico, e Tobias, no impedimento de um dos catedráticos, fazia parte da mesa-examinadora. Perguntara o lente da cadeira, ao examinando, o que era cardeal. "Cardeal", disse o rapaz, "é uma dignidade da igreja que fica metida entre o Papa e o bispo". Como era natural, o examinador irritou-se com a resposta e começou a invectivar a ignorância do estudante. Tobias ouvira tudo isto sorrindo e puxando um bigode hirsuto. De súbito, brilharam-lhe os olhos! Dirigiu-se, então, ao colega, e, interrompendo-o: "Perdão; agora, eu..." E virou-se para o argüido: "Diga, Sr. estudante, que o seu professor não lhe quer revelar a verdade verdadeira. Respondeu bem. Cardeal é uma espécie de intruso na igreja, que lambe os pés do Papa, enquanto não lhe chega a vez de ser lambido, e que olha de esguelha para o bispo, cuja autoridade não exerce, por ser eunuco, nem respeita, por ser safado. E há outras coisas mais que essa dignidade acumula; mas que só no compêndio de Bocácio o senhor terá ocasião de aprender, logo que se liberte desse direito espoliástico."

EUCLIDES DA CUNHA

(1866-1909)

A última visita

Na noite em que faleceu Machado de Assis, quem penetrasse na vivenda do poeta, em Laranjeiras, não acreditaria que estivesse tão próximo o triste desenlace da sua enfermidade. Na sala de jantar, para onde dava o quarto do querido mestre, um grupo de senhoras ontem meninas que ele carregava nos braços carinhosos, hoje nobilíssimas mães de famílias comentavam-lhe os lances encantadores da vida e reliam-lhe antigos versos, ainda inéditos, avaramente guardados nos álbuns caprichosos. As vozes eram discretas, as mágoas apenas rebrilhavam nos olhos marejados de lágrimas, e a palidez completa no recinto onde a saudade glorificava uma existência, além da morte.

No salão de visitas viam-se alguns discípulos dedicados, também aparentemente tranqüilos.

E compreendia-se desde logo a antilogia de corações tão ao parecer tranqüilos na iminência de uma catástrofe. Era o contágio da própria serenidade incompatível e emocionante em que ia a pouco e pouco extinguindo-se o extraordinário escritor. Realmente, na fase aguda de sua moléstia, Machado de Assis, se por acaso traía com um gemido e uma contração mais viva o sofrimento, Apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na ânsia e no apuro gentilíssimo de quem corrige um descuido ou involuntário deslize. Timbravam em sua primeira e última dissimulação: a dissimulação da própria agonia, para não nos magoar com o reflexo de sua dor. A sua infinita delicadeza de pensar, de sentir, e de agir, que no trato vulgar dos homens se exteriorizava em timidez embaraçadora e recatado retraimento, transfigurava-se em fortaleza tranqüila e soberana.

E gentilissimamente bom durante a vida, ele se tornava gentilmente heróico na morte...

Desapontamento. Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia e Rodrigo Octavio, comentários divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento. De um modo geral, não se compreendia que uma vida que tanto viveu as outras vidas, assimilando-as através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses raras –, que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da

estatura de Machado de Assis só devera extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.

Era pelo menos desanimador tanto descaso – a cidade inteira, sem a vibração de um abalo, derivando imperturbavelmente na normalidade de uma existência complexa – quando faltavam poucos minutos para que se cerrassem 40 anos de literatura gloriosa...

Neste momento, precisamente ao anunciar-se esse juízo desalentado, ouviram-se umas tímidas pancadas na porta principal da entrada.

Abriram-na. Apareceu um desconhecido: um adolescente, de 16 ou 18 anos, no máximo. Perguntaram-lhe o nome. Declarou ser desnecessário dizê-lo: ninguém ali o conhecia; não conhecia por sua vez ninguém; não conhecia o próprio dono da casa, a não ser pela leitura de seus Livros, que o encantavam. Por isso, ao ler nos jornais da tarde que o escritor se achava em estado gravíssimo, tivera o pensamento de visitá-lo. Relutara contra essa idéia, não tendo quem o apresentasse: mas não lograva vencê-la. Que o desculpassem, portanto. Se lhe não era dado ver o enfermo, dessem-lhe ao menos notícias certas de seu estado.

E o anônimo juvenil – vindo da noite – foi conduzido ao quarto do doente. Chegou. Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do mestre, beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-o depois por algum tempo ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu.

A porta, José Veríssimo perguntou-lhe o nome. Disse-lho.

Mas deve ficar anônimo. Qualquer que seja o destino desta criança, ela nunca mais subirá tanto na vida. Naquele momento o seu coração bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade. Naquele meio segundo – no meio segundo em que ele estreitou o peito moribundo de Machado de Assis, aquele menino foi o maior homem de sua terra.

Ele saiu – e houve na sala, há pouco invadida de desalentos, uma transfiguração.

No fastígio de certos estados morais concretizam-se às vezes as maiores idealizações.

Pelos nossos olhos passara a impressão visual da Posteridade...

JOÃO DO RIO

(1881-1921)

Machado de Assis

Naturalmente, a ausência de certos nomes notáveis num inquérito, que procurava as respostas dos corifeus dos espíritos brasileiros, poderá parecer estranha. Talvez o seja, mas, como todas as coisas verdadeiramente estranhas, é perfeitamente explicável. Há nomes que deviam aqui estar, mas que não estão porque a isso se opuseram uma sensibilidade grande, a vaidade doentia, a noção de responsabilidades graves e principalmente talvez a balbúrdia das idéias. A sensibilidade grande é a do ilustre mestre Machado de Assis.

Quando fui pessoalmente levar-lhe o inquérito, o admirável escritor recebeu me com um acesso de gentilezas, que nele escondem sempre uma pequena perturbação.

— Um inquérito? Pois não: às suas ordens, com todo o gosto.
Passaram-se os dias. Voltei à carga.

— Francamente, disse-me o autor do *Brás Cubas*, o assunto é grave, é muito grave. Mas eu respondo, respondo quando tiver ânimo para escrever.
Logo os amigos e admiradores do mestre disseram-me:

— Perdes o tempo, o Machado não responde...

Resolvi então cultivar a relação preciosa em bocados de palestra, ouvidos nos balcões do Garnier, por onde todos os dias passa o glorioso escritor. Soube assim que o *Brás Cubas* fora ditado, durante uma moléstia de olhos de Machado, à sua cara esposa; que o humorista incomparável da "Teoria do Medalhão" tem uma vida de uma regularidade cronométrica, que as suas noites passa-as a tentar o sono...

Espírito de tamanho fulgor tem, entretanto, a nevrose de se incomodar e sofrer com os pequenos nada da existência. Se por esquecimento deixa de cumprimentar um homem, perde-se em conjecturas. Que irá pensar o homem? Que dirá dele? Nesse período, uma vez, o grande mestre chegou à livraria nervosíssimo. E contou por quê. Fora à secretaria um cavalheiro pedir-lhe qualquer coisa. Não o satisfizera e estava incomodado com isso quando passou o contínuo com a bandeja do café. Aceita uma xícara? Se me fizer companhia!
— Ora eu não tomo café; mas já tinha recusado ao homem uma coisa e achei

que seria demais não o acompanhar. Tomei a xícara e estou com dores de cabeça...

Do inquérito cheguei a saber que Machado de Assis tem como livros de cabeceira o Hamlet e o Prometeu, que acha as predileções passageiras como o próprio homem, e respeita a mocidade olhando-lhe as extravagâncias com um pasmo sincero.

Mas, por fim, o mestre incontestável percebeu que eu o acompanhava para lhe arrancar frases e tornou seco um pedaço de intimidade nascente entre o meu louvor e a sua bonomia.

JOSÉ VERÍSSIMO

(1857 - 1916)

Machado de Assis

Chegamos agora ao escritor que é a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura, Joaquim Maria Machado de Assis. No bairro popular, pobre e excêntrico do Livramento, no Rio de Janeiro, nasceu ele, de pais de mesquinha condição, a 21 de junho de 1839. Nesta mesma cidade, donde nunca saiu, faleceu, com pouco mais de 69 anos, em 29 de setembro de 1908. A data do seu nascimento e do seu aparecimento na literatura o fazem da última geração romântica. Mas a sua índole literária avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literários, a nenhuma realmente aderiu senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. São obscuros e incertos os seus começos, os informes que deles há, duvidoso ou suspeitos. Ninguém na literatura brasileira foi mais, ou sequer tanto como ele, estranho a toda a espécie de cabotinagem, de vaidade, de exibicionismo. De raiz odiava toda a publicidade, toda a vulgarização que não fosse puramente a dos seus livros publicados. Do seu mesmo trabalho literário, como de tudo o que lhe dizia respeito, tinha um exagerado recato. Refugia absolutamente às confidências tanto pessoais como literárias. Por cousa alguma quisera que as humildes condições em que nascera servissem para exaltar-lhe a situação que alcançara. Ao seu recatadíssimo orgulho repugnava, como um expediente vulgar, fazer entrar no lustre que conquistara esse elemento de estima. A sua biografia eram os seus livros, a sua arte era a sua prosápia. Não lhes quis misturar nada que pudesse parecer um apelo à benevolência dos seus contemporâneos em prol da exaltação do seu nome. Fazer reclamo da mesquinhez das suas origens, como é tão vulgar, lhe era profundamente antipático. Só a incapacidade de compreender natureza tão finamente aristocrática como Machado de Assis e a esquisita nobreza destes sentimentos poderia reprochar-lhos.

Era dos engenhos privilegiados que, sentindo fortemente a vocação literária, com a clara consciência da necessidade de ajudá-la pela aplicação e trabalho, a si mesmo se educam. Fez-se ele próprio. Teria apenas freqüentado a ínfima escola primária da sua meninice, aprendido ao acaso das oportunidades algo mais do que ali lhe ensinaram, e lido assídua e atentamente. Precisando cuidar muito cedo de si, pois os pais, sobre paupérrimos, lhe morreram quando lhe começava a puberdade, trabalhou então, ao que parece, como sacristão da Igreja da Lampadosa, e depois caixeiro da pequena Livraria e Tipografia de Paula

Brito, prazo dado dos escritores feitos ou por fazer da época. Talvez ali se iniciasse na arte tipográfica, que mais tarde parece exerceu como compositor na Imprensa Nacional. Desde 1856 pelo menos se encontram na *Marmota Fluminense*, “jornal de modas e variedades”, editado e redigido por aquele singular, estimável e prestimoso amador das nossas letras que foi Paula Brito, e colaborado por nomes depois nela notáveis, alguns poemas seus. Tem o tom melancolicamente sentimental, a religiosidade romântica e também laivos de descrença, da poesia daquele decênio. É de crer que Machado de Assis houvesse versejado desde antes dessas datas. Depois da *Marmota*, encontram-se-lhe versos na *Revista Popular e Jornal das Famílias*, de Garnier, na *Biblioteca Brasileira*, de Quintino Bocaiúva, e no *Diário do Rio de Janeiro*, de 1862. Da redação deste jornal, em lugar subalterno, fez parte com Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva e outros já então ou depois conhecidos jornalistas. Entrementes aprendera o inglês, língua pouco vulgar aos nossos literatos e cuja literatura não teria concorrido pouco para ajudar a tendência natural de Machado de Assis ao humor, de que foi aqui o único mestre insigne. Também lhe daria o esquisito sentimento de decoro que distingue a sua obra, e o defendeu das influências do naturalismo francês. Em 1863, da tipografia daquele jornal saiu o seu primeiro livro, um folheto, *Teatro de Machado de Assis*. Constava de duas comédias em um ato, representadas ambas no ano anterior e prefaciadas por Quintino Bocaiúva, que parece ter sido, com Paula Brito, o seu introdutor na vida literária. Desde então Machado de Assis mostrava-se a figura extraordinária e, em toda a significação do termo, distinta que viria a ser nas nossas letras, tanto pelo seu engenho como pela sua elevação moral. Estreante, publicava uma obra já notável pelas qualidades de espírito e composição, para a qual o seu prefaciador desenganadamente declarava que lhe não achava jeito, e a publicava sem apelar desse juízo, acaso rigoroso. Fizera teatro não só porque o momento, o de maior florescimento do nosso, lho acoroçoava, mas por confessada ambição juvenil de ensaiar as forças nesse gênero que o atraía, cuidando que nas qualidades para ele se apurariam com o tempo e trabalho. Mas só em 1864, com as *Crisálidas*, é que verdadeiramente começa a sua vida literária, não mais como tentativa, senão como atividade nunca descontinuada. Vinte e dois poemas, escritos entre 1858 e 64, compunham essa coleção. Distinguiam-se pela emoção menos desbordante que o nosso comum lirismo e por um apuro de forma insólito na nossa poesia. À perfeição com que já manejava o alexandrino, verso ainda mal-aclimado na nossa língua, o pechoso cuidado que punha nos ritmos e rimas dos seus, para os fazer menos triviais e mais tersos sem perda da sonoridade, juntava-se o polido da língua e o escolhido da frase poética: *Aspiração*, que é de 1862, mormente *Versos à Corina*, de 1864, documentam este juízo. Tanto pelo valor do sentimento como da sua expressão, este último é uma das mais belas amostras do nosso lirismo. Como as obras verdadeiramente clássicas, isto é, que não são de ocasião ou de moda, tão vivo e novo hoje como à data da sua composição, há quase meio século. Estava-se ainda em pleno viço do

subjetivismo e do sentimentalismo poético de Álvares de Azevedo e dos seus companheiros de geração, poesia de descrença e desconsolo, de desengano e tristeza, dominada pela idéia da morte. De todos esses poetas eram os versos, como dos seus dizia exatamente aquele, flores da sua alma, “murchas flores que só orvalha o pranto”. Machado de Assis, que, pela mesquinha condição em que viera ao mundo, não devia ter sofrido e lutado menos do que eles, tem desde então o altivo pudor de não pôr a sua alma em público, de não fazer estendal da sua desgraça. A musa é para ele a “consoladora em cujo seio amigo e sossegado respira o poeta o suave sono, quando a mão do tempo e o hálito dos homens lhe tenham murchado a flor das ilusões e da vida”. Este sentimento revigora-se no Prelúdio das Falenas, a sua segunda edição das poesias:

*O poeta é assim: tem, para a dor e o tédio,
Um refúgio tranqüilo, um suave remédio:
És tu, casta poesia, ó terra pura e santa!*

*Quando a alma padece, a lira exorta e canta;
E a musa que, sorrindo, os seus bálsamos verte,
Cada lágrima nossa em pérola converte.*

Não era das falazes costumeiras profissões de fé de poetas. Toda a sua vida literária, de um tão alevantado e peregrino no decoro, a confirma.

Vários são os motivos de inspiração nas *Crisálidas* desde as mais intensas emoções de poeta amoroso ou antes preocupado já, como nenhum outro aqui, do eterno feminino, e rasgos de pensamento que nos formosos tercetos de No Limiar, como nos belos alexandrinos de *Aspiração*, pressagiam o poeta perfeito das Ocidentais, até os temas subjetivos sentidamente idealizados do *Epitáfio do México*, de *Polônia*, de *Monte Alverne*. Mas nem naqueles havia o comum excesso de sentimentalismo, nem nestes algum exagero de idealismo, e uns e outros vinham estremes da moléstia constitucional da nossa poesia, a oratória.

Trazem certamente o cunho do tempo, porém com tal medida e acerto que, no seu encantador lirismo, muito nosso, nos são contemporâneos. É dos poucos de então que não envelheceram, isto é, que não precisam que nos ponhamos no diapasão do seu tempo para os sentirmos e estimarmos. Digam-no estas estrofes de Visio, que são de 64:

*Eras pálida. E os cabelos,
Aéreos, soltos novelos,
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meio cerrados
De volúpia e de ternura*

*Entre lágrimas luziam...
E os braços entrelaçados,
Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...*

*Depois, naquele delírio,
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes,
Os teus lábios sequiosos,
Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Antes os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...*

*Depois... depois a verdade,
A fria realidade,
A solidão, a tristeza;
Daquele sonho desperto,
Olhei... silêncio de morte
Respirava a natureza, —
Era a terra, era o deserto,
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.*

*Desfizera-se a mentira:
Tudo aos meus olhos fugira;
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado,
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.*

*E agora te vejo. E fria
Tão outra estás da que eu via
Naquele sonho encantado!
És outra, calma, discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro o olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não ver se a imagem presente
Foi a visão do passado.*

*Foi, sim, mas visão apenas;
Daquelas visões amenas
Que à mente dos infelizes
Descem vivas e animadas,
Cheias de luz e esperança
E de celestes matizes:
Mas, apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raízes.*

*Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,
Chorara de agradecida!*

Há neles certamente o toque do tempo, e algo de garrettiano, mas também uma alma de verdadeiro poeta, que sobrevive à época.

Atividade poética de Machado de Assis se continuou com as *Falenas* em 1869, as *Americanas* em 1875 e as *Ocidentais* em 1902. Quer em verso, quer em prosa, a sua produção — outra singularidade deste singular escritor — sem ser nunca de improviso ou apressada, é contínua, sempre trabalhada e aperfeiçoada. Modesto por índole e por civilidade, tímido de temperamento, modéstia e timidez que encobriam grande energia moral e íntima consciência de sua capacidade, Machado de Assis, estranho a toda a petulância da juventude, estuda, observa, medita, lê e relê os clássicos da língua e as obras-primas das principais literaturas. Ao contrário de alguns notáveis escritores nossos que começaram pelas suas melhores obras e como que nelas se esgotaram, tem Machado de Assis uma marcha ascendente. Cada obra sua é um progresso sobre a anterior. Ou de própria intuição do seu claro gênio, ou por influência do particular meio literário em que se achou, fosse porque fosse, foi ele um dos raros senão o único escritor brasileiro do seu tempo que voluntariamente se entregou ao estudo da língua pela leitura atenta dos seus melhores modelos. Foram seus amigos e companheiros alguns portugueses escritores ou amadores das boas letras, como José de Castilho, Emílio Zaluar, Xavier de Novais, Manuel de Melo, o esclarecido filólogo de cuja casa e rica livraria foi habituado, Reinaldo Montoro, o bibliófilo Ramos Paz e outros. Nesta roda a língua se teria conservado mais estreme das corrupções americanas,

seria melhor falada e mais estudada. Considerando-se, porém, que outros brasileiros que viveram e até se educaram em Portugal, nem por isso lucraram no seu português, mais que à influência dessa roda, ao seu íntimo sentimento literário e à sua intuição da importância da expressão na literatura, deveu Machado de Assis a excelência incomparável da sua. Sabia-se por confiança sua que, escasseando-lhe recursos para adquirir os clássicos, associou-se no Gabinete Português de Leitura para os ter consigo e extratá-los. Confirmando esta sua confissão, acharam-se-lhe no espólio literário numerosas notas e extratos dessas leituras. Sobretudo foi o único que soube ler os clássicos, mestres dotes e equívocos, com discernimento e finíssimo tato de escritor nato. Não aprendeu deles mais que a propriedade do dizer, o boleio castiço da frase, a lídima expressão vernácula, sem lhes tomar as fórmulas bárbaras repugnantes ao nosso gosto moderno, nem trasladar-lhes indiscretamente para os seus escritos — como impertinentemente fizeram Camilo Castelo Branco e Castilho — o vocabulário ou fraseado obsoleto. As *Falenas* justificam o seu título simbólico, nelas se desenvolvem as qualidades já manifestadas nas *Crisálidas*, notadamente as da forma poética, métrica, língua, estilo, esquisito dom de expressão, em que geralmente soblevam a poesia do tempo. Vinte anos antes do parnasianismo tinham já rasgos deste no sóbrio e requintado da emoção, no menor individualismo do poeta, que, ao contrário dos últimos românticos, seus contemporâneos, se escondia e se esquivava. Os temas pura ou demasiadamente subjetivos, as confissões impudentes do mais recôndito da sua alma, tão do gosto deles, cediam o passo a temas mais gerais, menos pessoais ou, quando o eram, tratados mais discretamente, com mais refinada sensibilidade. Algumas peças desta coleção, como as da *Lira chinesa* e *Uma ode de Anacreonte*, poemeto dramático em que finura da imaginação pede meças à rara formosura de expressão, descobrem um poeta em toda a força do seu talento. Musset e Lamartine, e também André Chenier, e mais Antônio de Castilho e Garrett, são então os seus principais mestres de poética. Nenhum, porém, com tal prestígio que lhe ofusque a originalidade própria. Outros mestres seus, dous poetas nossos por quem era grande a sua admiração, foram Basílio da Gama e Gonçalves Dias. Este, não obstante a diferença dos seus gênios, o impressionou grandemente. Porventura a essa impressão devemos atribuir a inspiração das *Americanas*, que, com o *Evangelho das Selvas*, de Fagundes Varela, do mesmo ano, são a derradeira manifestação apreciável do indianismo da nossa poesia.

Escritor desde os seus princípios consciente e reflexivo, que nunca se deixou arrastar pelas modas literárias, e menos correu após a voga do dia, Machado de Assis, ainda cedendo à influência da inspiração americana, fê-lo com tão discreto sentimento e em forma tão pessoal e tão nova, que o seu indianismo, certamente inferior ao de Gonçalves Dias como emoção e expressão tocante, tem um sainete particular e uma generalidade maior, o que acaso lhe assegura um melhor futuro. “Algum tempo, escreveu ele na “advertência” das

Americanas explicando o seu novo livro, foi de opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quase toda, no elemento indígena. Veio a reação, e adversários não menos competentes que sinceros, absolutamente o excluíram do programa da literatura nacional. São opiniões extremas que, pelo menos, me parecem discutíveis.” E não as querendo discutir, limita-se a esta observação que dirimia definitivamente a questão, se, como me parece certo, o só critério da obra d’arte é o talento com que é realizada: “Direi somente que, em meu entender, tudo pertence à invenção poética, uma vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte. Ora, a índole dos costumes dos nossos aborígenes estão muita vez neste caso; não é preciso mais para que o poeta lhes dê a vida da inspiração. A generosidade, a constância, o valor, a piedada, hão de ser sempre elementos da arte, ou brilhem nas margens do Scamandro ou nas do Tocantins. O exterior muda: o capacete de Ajax é mais clássico e polido que o canitar de Itajuba; a sandália de Calipso é um primor de arte que não achamos na planta nua de Lindóia. Esta é, porém, a parte inferior da poesia, a parte acessória. O essencial é a alma do homem.”

Este final compendia a estética de Machado de Assis. Poeta ou prosador, ele se não preocupa senão da alma humana. Entre os nossos escritores, todos mais ou menos atentos ao pitoresco, aos aspectos exteriores das cousas, todos principalmente descritivos ou emotivos, e muitos resumindo na descrição toda a sua arte, só por isso secundária, apenas ele vai além e mais fundo, procurando, sob as aparências de fácil contemplação e igualmente fácil relato, descobrir a mesma essência das cousas. É outra das suas distinções e talvez a mais relevante. Da impressão que o indianismo havia feito na nossa mente, dá testemunho o fato deste mesmo arguto e desabusado espírito ter-se ainda deixado enganar por ele, e lhe haver também sacrificado. Mas ainda assim o seu sentimento não é o mesmo de Gonçalves Dias ou de Alencar. Tinha Machado de Assis mais espírito crítico que estes e menos sentimento romântico, e era de todo estranho a quaisquer influências ancestrais ou mesológicas que porventura atuaram nos dous, para que caísse completamente no engano do indianismo, como ainda sucedeu a Varela. Dos costumes, figuras, manhas e feições do índio e da sua vida que põe em poema, procura sobretudo descobrir a essência sob as exterioridades exóticas, e por ela revelar-lhe a alma. Ainda assim esta porção da sua obra é a menos estimável. Releva-a, porém, a sua interpretação poética dos temas e a formosura da expressão, nele singular. Dous ao menos desses poemas, e justamente aqueles que mais se afastam da fórmula indianista, nos quais a trivial descrição ou exposição de feitos e gestos indianos é substituída pela sua interpretação psicológica, *Niani* e *Última jornada*, são de superior beleza poética e de rara feitura artística.

As Ocidentais, publicadas na edição das suas Poesias completas (1901), revêem a influência em Machado de Assis do modernismo, do qual, desde o seu citado artigo sobre a nova geração de poetas que se estrearam depois de 1870, ele

dera tão exata definição. São, infelizmente, poucos os poemas cuja inspiração vem dessa nova corrente. *O desfecho, Círculo vicioso, Uma criatura, Mundo interior, Suavi Mari Magnum, A mosca azul, No alto*, mais os distintos quilates dessa poesia lhe ressarcem sobradamente a quantidade. Com todas as suas brilhantes e não raro tocantes qualidades de emoção, faltou sempre à poesia brasileira profundidade de sentimento. Viva, eloqüente até à facúndia, exuberante, colorida e vistosa, carece por via de regra de intensidade na sensação e de sobriedade na expressão. Não quero dizer que estas virtudes lhe faltem de todo, mas apenas que não são propriamente as suas. Machado de Assis é um dos poucos poetas nossos que as teve, e distintamente, e as manifestou, como já ficou notado, desde a sua estréia. Elas, principalmente sob o aspecto da profundidade, se lhes aperfeiçoaram nos citados poemas das *Ocidentais*. É ainda que aí ele não cedeu à moda do momento, nem acompanhou inconsideradamente, como fizeram tantos outros, a onda modernista. Apenas desenvolveu-se no sentido dela, que era o mesmo sentido que trazia o seu pensamento, o do ceticismo sem desespero e do pessimismo benevolente, ambos de raiz. Mais que sinais, amostras de ambos encontram-se já nas suas coleções anteriores. O que, distinção raríssima, acaso única, se não encontra em nenhum destes poemas é a indiscreta transplantação para a poesia de cousas científicas ou filosóficas ou algo da respectiva gíria. Tudo nele, como no verdadeiro poeta, se faz sentimento e sensação e como tal se exprime, e em forma que é, sem o rebuscado do Parnasianismo, porventura a mais perfeita alcançada pela nossa poesia.

Poeta dos mais importantes da literatura brasileira, é Machado de Assis o mais insigne dos seus prosadores e, no domínio que lhe é próprio, a ficção romanesca, o maior dos nossos escritores. Não é somente um escritor vernáculo, numeroso, disserto e elegantíssimo. Às qualidades de expressão que possui como nenhum outro, junta as de pensamento, uma filosofia pessoal e virtudes literária muito particulares, que fazem dele um clássico, no mais nobre sentido da palavra, — o único talvez da nossa literatura.

Como prosador compreende a sua obra, além de numerosos livros de conto, romances, teatro, crítica e crônicas jornalísticas. Do conto foi ele, se não o iniciador, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na língua portuguesa.

Efetivamente ninguém jamais nesta contou com tão leve graça, tão fino espírito, tamanha naturalidade, tão fértil e graciosa imaginação, psicologia tão arguta, maneira tão interessante e expressão tão cabal, historietas, casos, anedotas de pura fantasia ou de perfeita verossimilhança, tudo recoberto e realçado de emoção muito particular, que varia entre amarga e prazenteira, mas infalivelmente discreta. Histórias de amor, estados d'alma, rasgos de costumes, tipos, ficções da história ou da vida, casos de consciência, caracteres, gente e

hábitos de toda a casta, feições do nosso viver, nossos mais íntimos sentimentos e mais peculiares idiosincrasias, acha-se tudo superior e excelentemente representado, por um milagre de transposição artística, nos seus contos. E sem vestígio de esforço, naturalmente, num estilo maravilhoso de vernaculidade, de precisão, de elegância.

No romance estreou Machado de Assis, em 1872, com o já citado *Ressurreição*. A grande novidade deste romance era não ser senão o primeiro de análise de caracteres e temperamentos, o primeiro ao menos que com este só propósito aqui se escrevia. Não trazia vislumbre de intencional brasileirismo vigente. Ao invés declaradamente apontava a outra coisa que o romance de costumes. O interesse do livro era deliberadamente procurado no “esboço de uma situação e no contraste de dois caracteres”. Alencar com *Cinco minutos*, *A viuvinha* (1856), aliás simples novelas, *Lucíola* (1862) e *Diva* (1864), e o mesmo Manoel de Almeida com o *Sargento de milícias* (1857) podem em rigor cronológico ser considerados os precursores do nosso romance da vida urbana ou mundana, da pintura de caracteres e situações e que estes se encontram e definem, ou mesmo do romance que ao tempo ainda se chamava de fisiológico e que depois se chamaria de psicológico. Mas o seu criador, pela arte consciente e engenho com que já o fez em *Ressurreição*, e o ensaiara com bom sucesso nos contos e novelas que precederam este livro, foi Machado de Assis. Neste mesmo romance, como naquelas ficções menores, embora refugissem ao particularismo nativista, havia já uma notação exata, ou antes uma clara intuição das nossas íntimas peculiaridades nacionais. O sempre progressivo exercício desta faculdade de análise do ambiente, estreme das suas fáceis representações pitorescas, fariam de Machado de Assis não obstante o seu despreendimento do brasileirismo, qual o entendiam aqui, porventura o mais intimamente nacional dos nossos romancistas, se não procurarmos o nacionalismo somente nas exterioridades pitorescas da vida ou nos traços mais notórios do indivíduo ou do meio. Como o que sobretudo lhe interessa é a alma das cousas e dos homens, é ela que ele procura exprimir e que geralmente exprime com insigne engenho e arte. Ainda em algum tipo, episódio, ou cena de pura fantasia, nunca a ficção de Machado de Assis afronta o nosso senso da íntima realidade. Assim, por exemplo, nesse conto magnífico *O Alienista* ou noutro jóia *Conto alexandrino*, como na admirável invenção de *Brás Cubas*, e todas as vezes que a sua rica imaginação se deu largas para fora da realidade vulgar, sob os artifícios e os mesmos desmandos da fantasia, sentimos a verdade essencial e profunda das cousas, poderíamos chamar-lhe um realista superior, se em literatura o realismo não tivesse sentido definido.

Havia entretanto no primeiro romance de Machado de Assis e ainda mais talvez nos que mais de perto o seguiram, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), visíveis ressaibos de romantismo senão do Romantismo. Temperava-os, porém, já, diluindo-os num sabor mais pessoal e menos de escola, e sua nativa ironia e a

sua desabusada visão das cousas, que o forravam ao romanesco, à sentimentalidade amaneirada que tanto viciou e desluziu a nossa ficção. E, mais dons de expressão em que ficou até agora único e que, sob este aspecto ao menos, o sobrelevam a todos os nossos escritores, e, não receio dizê-lo, ainda aos portugueses seus contemporâneos.

Em 1881, com as *Memórias póstumas de Brás Cubas* atingia Machado de Assis o apogeu do seu engenho literário, num romance de rara originalidade, uma obra, a despeito do seu tom ligeiro de fantasia humorística, fundamente meditada e fortemente travada em todas as suas partes, porventura a mais excelente que a nossa imaginação já produziu. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são a epopéia da irremediável tolice humana, a sátira da nossa incurável ilusão, feita por um defunto completamente desenganado de tudo. Desde a sua cova contamos Brás Cubas, numa língua primorosa de simplicidade, a sua vida do nascimento à morte, a sua família, a sua educação, o seu meio, os seus primeiros namoros de rapaz e amores de homem, as suas ambições, os seus amores adulterinos com certa Virgília, enfim, quanto na vida sequer um momento o interessou ou ocupou de modo a impressionar-lhe a memória e o entendimento. E só estas faculdades se deixaram nele tocar por tais sucessos. Viu Brás Cubas, ainda pressentiu a vaidade de tudo, e como ao cabo todas as cousas são naturais, necessárias, determinadas por um conjunto de condições que não são essencialmente nem boas, nem más, e pelas quais é sábio não nos abalarmos, não se deixou jamais comover. No fundo de tudo há sempre um todo nada de ridículo, de comédia, de falsidade, de fingimento, de cálculo. Tolo é quem se deixa enganar com as aparências, “empulhar”, segundo o verbo muito do gosto de escritor. Mas a humanidade, a sociedade, é assim feita e não há revoltar-nos contra ela e menos querê-la outra. A vida é boa, mas com a condição de não a tomarmos muito a sério. Tal é a filosofia de Brás Cubas, decididamente homem de muitíssimo espírito. Ele viveu quanto pôde, segundo este seu pensar, e se com o seu pessimismo conformado e indulgente não se achou logrado “ao chegar ao outro lado do mistério”, foi porque verificou um pequeno saldo no balanço final da sua existência. “Não tive filhos, — escreveu na última página das suas *Memórias*, — não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

Desta arriscada repetição do velho tema da vaidade de tudo e do engano da vida, a que o *Eclesiastes* bíblico deu a consagração algumas vezes secular, saiu-se galhardamente Machado de Assis. Transportando-o para o nosso meio, incorporando-o no nosso pensamento, ajustando-o às nossas mais íntimas feições, soube renová-lo pela aplicação particular, pelos novos efeitos que dele tirou, pelas novas faces que lhe descobriu e expressão pessoal que lhe deu.

As *Memórias póstumas de Brás Cubas* eram o rompimento tácito, mais completo e definitivo de Machado de Assis, com o Romantismo sob o qual

nascera, crescera e se fizera escritor. Aliás conquanto necessariamente lhe sofresse a influência, nunca jamais se lhe entregara totalmente nem lhe sacrificara o que de pessoal e original havia no seu engenho, e acharia em *Brás Cubas* a sua cabal expressão. A sua primeira obra de contador, *Histórias da meia noite* (1869), *Contos fluminenses* (1873), com os seus primeiros livros de romancista, o já nomeado *Ressurreição*, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *lailá Garcia* (1878), traziam ressaibos românticos, embora atenuados pelo congênito pessimismo e nativa ironia do autor. Ora o Romantismo não comportava nem a ironia nem o pessimismo, na forma desenganada, risonha e resignada de Machado de Assis. Mas os contos que sucederam imediatamente àqueles, *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1905), muitos deles anteriores a *Brás Cubas*, trazem já evidente o tom deste. Desde, portanto, os anos de 70, renunciando ao escasso Romantismo que nele havia, criava-se Machado de Assis uma maneira nova, muito sua, muito particular e muito distinta e por igual estreme daquela escola e das novas modas literárias. Nessa maneira, particularmente em *Brás Cubas* e em *Quincas Borba* (1891), que se lhe seguiu e que a certos respeito o continua, vislumbra-se mais do que se percebe, o remoto influxo dos humoristas ingleses, e antes dos seus processos formais que do fundo, que este é de raiz do autor. Com a escrupulosa probidade literária que foi uma das suas virtudes, ele próprio o publicou no prefácio do primeiro. Em *Dom Casmurro* (1899), em *Esaú e Jacó* (1904) e sobretudo em *Memorial de Aires* (1908), o seu último livro, desaparecem esses laivos de influência peregrina. Como correspondessem perfeitamente à sua própria índole literária, transubstanciaram-se-lhe no engenho e estilo.

Com a variedade de temas, de enredos de ações, de episódios, que distinguem cada romance de Machado de Assis no conjunto de sua obra, há em todos uma rara unidade de inspiração, de pensamento e de expressão. Todos, porém, representam, talvez com demasiado propósito, mas sem excesso de demonstração, a tolice e a malícia humanas. É este o tema geral, e ao mesmo tempo o duende, o espantalho do escritor. Ele descobriu esses estigmas e os expôs sob todas as suas faces e modalidades, até ao amor paterno ou na ternura materna, nas ações mais sublimes e nos atos mais corriqueiros, e não por um propósito também malicioso ou simplesmente literário, mas porque os seus olhos de artista – o que pode ser uma inferioridade ou um defeito – não os viam senão assim, e a sua íntima sinceridade lhe não permitia modificar a própria visão por comprazer com o gosto vulgar. Mas como a sua faculdade mestra é a imaginação humorística, isto é, a visão pessimista das cousas, através da inteligência da sua necessidade e contingência e do sentimento da nossa importância contra elas, as viu com risonho desdém ou com irônica benevolência. Essa visão ele a tem agudíssima, e a sua análise das almas sem alguma presunção de psicológica, antes desdenhosa do epíteto, tem uma rara percepção dos seus mais íntimos segredos. *Dom Casmurro* é exemplo desta sua

superior faculdade de romancista, comprovada aliás em toda a sua obra. É o caso de um homem inteligente, sem dúvida, mas simples, que desde rapazinho se deixa iludir pela moça que ainda menina amara, que o enfeitiçara com a sua faceirice calculada, com a sua profunda ciência congênita de dissimulação, a quem ele se dera com todo ardor compatível com o seu temperamento pacato. Ela o enganara com o seu melhor amigo, também um velho amigo de infância, também um dissimulado, sem que ele jamais o percebesse ou desconfiasse. Somente o veio a descobrir quando lhe morre num desastre o amigo querido e deplorado. Um olhar lançado pela mulher ao cadáver, aquele mesmo olhar que trazia “não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”, o mesmo olhar que outrora o arrastara e prendera a ele e que ela agora lança ao morto, lhe revela a infidelidade dos dois. Era impossível em história de um adultério levar mais longe a arte de apenas insinuar, advertir o fato sem jamais indicá-lo. Machado de Assis é, com a justa dose de sensualismo estético indispensável, um autor extremamente decente. Não por afetação de moralidade, ou por vulgar pudicícia, mas em respeito da sua arte. Bastava-lhe saber que a obscenidade, a pornografia, seriam um chamariz aos seus livros, para evitar esse baixo recurso de sucesso, ainda que a fidalguia nativa dos seus sentimentos não repulsasse tais processos.

Porque este sujeito tímido, apagado, pequenino, modesto, que parecia deslizar na vida com a preocupação de não incomodar a ninguém, de não ser molesto a pessoa alguma, era, de fato, um homem com energias íntimas, caladas, recônditas, mas invencíveis. Assim como fazer-se uma posição social, nunca transigiu com a sociedade e suas mazelas, também nunca, como escritor, condescendeu com as modas literárias que não dissessem com o seu temperamento artístico, ou seguiu por amor da voga as correntes mais no gosto do público. A este pode afirmar-se que não fez em toda a sua obra a menor concessão.

Já velho, com sessenta e oito anos, e não foi jamais robusto, escreveu ainda um livro admirável, o *Memorial de Aires*, inspirado na saudade da esposa e companheira muito amada, já chorada no sublime soneto que antepusera às *Relíquias da casa velha*, o primeiro que deu à luz depois da morte dela. *Memorial de Aires* é talvez o único livro comovido, de uma comoção que se não procura esconder ou disfarçar e de emoção cordial e não somente estética, que escreveu Machado de Assis. Com a peregrina arte de transposição que possuía e que só revelaria plenamente a história de seus livros, mas que podemos avaliar pelo pouco que dela sabemos, idealizou Machado de Assis, num suave romance contado por terceiro, um velho diplomata espirituoso e desenganado, o Conselheiro Aires, o seu palácio e feliz viver doméstico. Não que o indicasse ou sequer o insinuasse. Descobriram-no os que lhe conheceram a vida, e eram bem poucos, pois nunca se “derramou” e odiava os “derramados”, na emoção nova

que discretamente, sobriamente, recatadamente, como que receosa de profanar na publicidade cousas íntimas e sagradas, aparecia nesse delicioso livro, um dos mais tocantes da nossa literatura.

As estréias literárias de Machado de Assis coincidiram com o melhor momento do nosso teatro em toda a evolução da nossa literatura, entre os anos de 50 e 70, particularmente o decênio intermédio. Os melhores dos nossos literatos de então escreveram para o teatro e acharam quem os representasse e quem os fosse ouvir, o que nunca mais aconteceu depois. A nossa bibliografia teatral dessa época é a mais copiosa de toda a nossa literatura, e havia pelo teatro nacional interesse e curiosidade que depois desapareceu de todo, com a concorrência do teatro estrangeiro importado por companhias alienígenas. A influência do momento e o gosto que pessoalmente tinha pelo teatro, mais que decidida vocação, levaram Machado de Assis a tratá-lo. Com a segura consciência que do seu próprio engenho tinha, ele próprio mal se iludira sobre a sua aptidão para o teatro. Numa carta prefácio de suas peças publicadas em 1863, *O caminho da porta* e *O protocolo*, confessava, podemos crer que sinceramente: “Tenho o teatro por cousa muito séria e as minhas forças por cousa insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho...” Sem dúvida, mas as qualidades, sobretudo as inferiores, as habilidades do ofício de autor dramático, a acomodação ao gosto público e à perspectiva particular da rampa, uma porção de dons somenos, mas essenciais ao bom sucesso na arte inferior que é o teatro, faltavam a Machado de Assis. No teatro nunca pode ele passar de composições ligeiras, ao gosto de “provérbios” franceses, sainetes, contos porventura espirituosamente dialogados, algumas encantadoras de graça fina e elegante estilo, mas sem grande valor teatral. Tais são os *Deuses de casaca*, comédia levemente satírica da nossa vida social e política, em formosos alexandrinos, em que se revê a influência de Castilho; *Tu, só tu, puro amor*, pequena obra-prima, alguma cousa como uma deliciosa figurinha de Tânagra no meio das esculturas de Fídias; *Não consulte médico*, sainete digno de Musset. Tudo, porém, não passava de um ano, excelente como literatura amena para Deleitar-nos uma hora, mas sem a ação, a força, a emoção que deve trazer a obra teatral. Basta que esta por sua mesma natureza se enderece a uma platéia, que será sempre em maioria composta de ignaros ou simples, para que lhe não bastem as qualidades propriamente literárias.

Como crítico, Machado de Assis foi sobretudo impressionista. Mas um impressionista que, além da cultura e do bom gosto literário inato e desenvolvido por ela, tinha peregrinos dons de psicólogo e rara sensibilidade estética. Conhecimento do melhor das literaturas modernas, inteligência perspicaz desabusada de modas literárias e hostil a todo pedantismo e dogmatismo, comprazia-lhe principalmente na crítica a análise da obra literária segundo a impressão desta recebida. Nessa análise revelava-se-lhe a rara finura

e o apurado gosto. Que não era incapaz de outra espécie de crítica em que entrasse o estudo das condições mesológicas em que se produziu a obra literária, deu mais de uma prova. Com o fino tato literário e reflexivo juízo, que o assinalam entre os nossos escritores, no ensaio crítico atrás citado sobre o *Instituto da nacionalidade*, na nossa literatura ajuizou com acerto, embora com a benevolência que as mesmas condições da sua vida literária lhe impunham, os seus fundadores e apontou com segurança os pontos fracos ou duvidosos de certos conceitos literários aqui vigentes, emendando o que neles lhe parecia errado e aventando opiniões que então, em 1873, eram de todo novas. Ninguém, nem antes nem depois, estabeleceu mais exata e mais simplesmente a questão do indigenismo da nossa literatura, nem disse cousas mais justas do indianismo e da sua prática.

Em suma Machado de Assis, sem ter feito ofício de crítico, é como tal um dos mais capazes e mais sinceros que temos tido. Respeitador do trabalho alheio, como todo o trabalhador honesto, mas sem confundir esse respeito com a condescendência camaradeira, estreme de animosidades pessoais ou de emulações profissionais, com o mínimo dos infalíveis preconceitos literários ou com a força de os dominar, desconfiado de sistemas e assertos categóricos, suficientemente instruído nas cousas literárias e uma visão própria, talvez demasiadamente pessoal, mas por isso mesmo interessante da vida, ninguém mais do que ele podia ter sido o crítico cuja falta lastimou como um dos maiores males da nossa literatura. Em compensação deixou-lhe um incomparável modelo numa obra de criação que ficará como o mais perfeito exemplar do nosso engenho nesse domínio.

Rui Barbosa

(1849 - 1923)

Machado de Assis – o adeus da Academia

Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas próprias palavras, num gemido da sua lira, para lhe vir trazer o nosso "coração de companheiros".

Eu quase não sei dizer mais, nem sei que mais se possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro, se separam desta para a outra parte da eternidade. Nunca ergui a voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos. Só o irresistível de uma vocação como a dos que me chamaram para órgão desses adeuses me abria a boca ao pé deste jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas se sobrepõe o murmúrio do indizível, a sensação de uma existência cuja corrente se ouvisse cair de uma em outra bacia, no insondável do tempo, onde se formam do veio das águas sem manchas, as rochas de cristal exploradas pela posteridade.

Do que ela se reserva em surpresas, em maravilhas de transparências e sonoridade e beleza na obra de Machado de Assis, di-lo-ão outros, hão de dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga, dias sem conta, derredor do seu nome, da lápide que vai tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta ao ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, a reminiscência, a mágoa sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém, não quisera falar senão do seu coração e de sua alma.

Daqui, deste abismar-se de ilusões e esperanças que soçobram ao cerrar de cada sepulcro, deixemos passar a glória na sua resplandescência, na sua fascinação, na impetuosidade de seu vôo. Muito ressumbra sempre da nossa debilidade, na altivez do seu surto e na confiança das suas asas. As arrancadas mais altas do gênio mal se libram nos longes da nossa atmosfera, de todas as partes envolvida e distanciada pelo infinito. Para se não perder no incomensurável deste, para avizinhar a terra do firmamento, não há nada como a bondade. Quando ela, como aqui, se debruça, fora de uma campa ainda aberta, já se não cuida que lhe esteja à beira, de guarda, o mais malquistado dos numes, no sentimento grego, e os braços de si mesmos se levantam, se estendem, se abrem para tomar entre si a visão querida que se aparta.

Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do

verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber, e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma dessas predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dor lhe afluía ligeiramente aos lábios, lhe roçava de leve a pena, lhe ressumava sem azedume das obras, num ceticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as dúvidas e tristezas do artista. A ironia mesma se desponta, se embebe de suavidade no íntimo desse temperamento, cuja compleição, sem desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refratária aos antagonismos e aos conflitos, dir-se-ia emersa das mãos da própria Harmonia, tal qual essas criações da Hélade, que se lavraram para a imortalidade num mármore cujas linhas parecem relevos do ambiente e projeções do céu no meio do cenário que as circunda.

Deste lado moral de sua entidade, quem me dera saber exprimir, neste momento, o que eu desejaria. Das riquezas da sua inspiração na lírica, da sua mestria no estilo, da sua sagacidade na psicologia, do seu mimo na invenção, da sua bonomia no humorismo, do seu nacionalismo na originalidade, da sua lhanza, tato e gosto literário, darão testemunho perpetuamente, os seus escritos, galeria de obras-primas, que não atesta menos da nossa cultura, da independência, da vitalidade e das energias civilizadoras da nossa raça do que uma exposição inteira de tesouros do solo e produtos mecânicos do trabalho. Mas, nesta hora de entrada ao ignoto, a este contato quase direto, quase sensível com a incógnita do problema supremo, renovado com interrogações de nossa ansiedade cada vez que um de nós desaparece na torrente de gerações, não é a ocasião dos cânticos de entusiasmo, dos hinos de vitória nas porfias do talento. A este não faltarão comemorações, cujo círculo se alargará com os anos, à medida que o rastro de luz penetrar, pelo futuro além, cada vez mais longe ao seu foco.

O que se apagaria talvez se o não colhêssemos logo na memória dos presentes, dos que lhe cultivaram o afeto, dos que lhe seguiram os dias, dos que lhe escutaram o peito, dos que lhe fecharam os olhos, é o sopro de sua vida moral. Quando ele se lhe exalou pela última vez, os amigos que lho receberam com o derradeiro anélito, contraíram a obrigação de o reter, como se reteria na máxima intensidade de aspirações dos nosso pulmões o aroma de uma flor cuja espécie se extinguisse, para o dar a sentir aos sobreviventes, e dele impregnar a tradição, que não perece.

Eu não fui dos que o respiraram de perto. Mas, homem do meu tempo, não sou estranho às influências do mal e do bem, que lhe perpassam no ar. Numa época

de lassidão e violência, de hostilidade e fraqueza, de agressão e anarquia nas coisas e nas idéias, a sociedade necessita justamente, por se recobrar, de mansidão e energia, de resistência e conciliação. São as virtudes da vontade e as do coração as que salvam nesses transes. Ora, dessas tendências que atraem para a estabilidade, a pacificação e a disciplina, sobram exemplos no tipo desta vida, mal extinta e ainda quente.

Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa, e cantava como Luís de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca deslisou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza. Era sua alma um vaso de amenidade e melancolia. Mas a missão da sua existência, repartida entre o ideal e a rotina, não se lhe cumpriu sem rudeza e sem fel. Contudo, o mesmo cálice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da têmpera e a serenidade da atitude.

Poderíamos gravar-lhe aqui, na laje da sepultura, aquilo de um grande livro cristão: "Escreve, lê, canta, suspira, ora, sofre os contratempos virilmente", se eu não temesse claudicar, aventurando que as suas atribuições conheceram o lenitivo da prece. O instinto, não obstante, no-lo adivinha nas trevas do seu naufrágio, quando, na orfandade do lar despedaçado, cessou de encontrar providência das suas alegrias e das suas penas, entre as carícias da que tinha sido a meira da sua vida e do seu pensamento.

Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste "morta e separada" a consorte de teus sonhos e de tuas agonias, que te soubera "pôr um mundo inteiro no recanto" do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face de tuas ações. Esses quatorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura, eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das idéias a miséria está na decadência e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessam essa passagem do invisível, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.

Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e

cobrirmos de reconhecimento a generosidade que no-la doou. Quando ela nos prodigaliza dádivas como a de teu espírito e a de tua poesia, não é que lhe deveremos duvidar da grandeza, a que te acercaste primeiro do que nós, mestre e companheiro. Ao chegar da nossa hora, em vindo a de te seguirmos um a um no caminho de todos, levando-te a segurança da justiça da posteridade, teremos o consolo de haver cultivado, nas verdadeiras belezas da tua obra, na obra dos teus livros e da tua vida, sua idealidade, sua sensibilidade, sua castidade, sua humanidade, um argumento mais da existência e da intimidade dessa origem de todas as graças à onipotência de quem devemos a criação do universo e a tua, companheiro e mestre, sobre cuja transfiguração na eternidade e na glória caiam as suas bênçãos, com as da Pátria, que te reclina ao seu seio.

SILVIO ROMERO

(1851 - 1914)

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908)

Não era sem razão estudá-lo precedentemente a Távora e Taunay, porque os antecedeu nas lides literárias; mas como sua evolução foi longa e larga, distendendo-se após a daqueles, colocamo-lo depois.

O ilustre romancista e poeta era filho do Rio de Janeiro e veio à luz no ano de 1839.

Provinha de pais pobres e atravessou dificuldades em eu início: começou pela arte tipográfica.

Esta profissão teve a vantagem de despertar-lhe o gosto literário e pô-lo em relação com os escritores do tempo. Para alguma coisa serve a desfortuna econômica. O jovem Machado bem cedo começou a frequentar a *Petalógica*, curiosa sociedade de homens de letras, e a livraria de Paula Brito, mestiço inteligente, que amparou mais de um estudante, e cuja ação benfazeja, naquele sentido, na literatura, mereceria um estudo especial.

Tendo começado os seus primeiros ensaios literários aos vinte anos, em 1859, até aos trinta nada produziu que tivesse sério valor.

Suas obras até 1869 são de ordem tão secundária, que ele mesmo as ocultava em sua quase totalidade.

É o caso de *Desencantos*, fantasia dramática, de 1861, d' *O Caminho da Porta* e d' *O Protocolo*, de 1863, d' *Os das Deuses de Casaca*, de 1865, e das próprias *Crisálidas*, do ano anterior.

É um decênio inteiro de ensaios na comédia, na poesia, no folhetim, no conto, não falando numas poucas de traduções de mera fancaria.

Não é tudo; a década seguinte, que chamaremos o período de transição, é ainda pouco expressiva.

É lícito, pois, afirmar que só depois dos quarenta anos, só depois de 1879, Machado de Assis assumiu nas letras pátrias o lugar em que se viu colocado, porque só então o seu talento achou o filão mais fecundo, e seu espírito tomou a atitude significativa que distinguiu.

Iniciando os primeiros passos nas letras em 1859, quer isto dizer que, ao principiar, já encontrava o romantismo brasileiro em plena floração, quase é lícito dizer, em franca decadência.

Sim, os três marcos miliários do romantismo pátrio já tinham sido erigidos pelas mãos possantes da geração anterior: e esses marcos eram os *Suspiros Poéticos* de Magalhães, em 1836; os *Cantos* de Gonçalves Dias, dez anos mais tarde, em 1846; o *Guarani* de Alencar, no decênio seguinte, em 1856.

Ao lado destes chefes de fila, quatro companheiros eméritos tinham já dado a lume seus melhores escritos, Porto Alegre, Macedo, Martins Pena, Álvares de Azevedo, estes últimos até falecidos, havia já bastante tempo.

Queremos significar que a mocidade passou a Machado de Assis entre os moços da geração seguinte. Sua camaradagem foi com um grupo de epígonos, que é costume aí elogiar demasiado, mas que era de uma mediocridade desoladora.

O período de transição na carreira de Machado de Assis (1869-1879) encerra alguns produtos ainda pouco significativos.

É o caso das *Falenas* em 1869, dos *Contos Fluminenses* em 1870, de *Ressurreição* em 1872, até *Iaiá Garcia* em 1878, que já é um belo romance, onde seu talento de observador psicólogo e de moralista, picado por certa dose de ironia, já se expande brilhantemente.

Abre-se depois a grande fase da maturidade, que durou trinta anos, e onde avultam as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó*, *Relíquias de Casa Velha*, *Memorial de Aires*.

Um estudo, mais ou menos completo, do escritor fluminense – na poesia, no conto, no romance, determinando-lhe o valor nesses domínios da produção literária, e nomeadamente notando-lhe as qualidades predominantes do espírito, no intuito de defini-lo em traços nítidos, já não é hoje cousa que se possa fazer sem arredar previamente do caminho certos tropeços nele postos pela crítica indígena.

Um desses é a apregoada antinomia entre a primeira e a segunda fase da carreira do ilustre autor, entre a sua antiga maneira e a que depois adotou.

Julgam geralmente que existe um valor quase invadeável entre os dois períodos.

A nova maneira de Machado de Assis não estava em completa antinomia com o seu passado, sendo apenas o desenvolvimento normal de bons germes que ele nativamente possuía, naquilo que a nova tendência teve de bom, e o desdobramento, também normal, de certos defeitos inatos, naquilo que teve ela de mau.

O psicologismo, mais ou menos irônico e pessimista, do autor de Brás Cubas, prende-se, por mais de uma raiz, ao romantismo comedido e sóbrio, cheio de certas sombras clássicas, que o escritor jamais abandonou.

Por outros termos, seu romantismo foi sempre, no meio da barulhada imaginativa e turbulenta dos seus velhos companheiros, pacato e ponderado, com uma porta aberta para o lado da observação e da realidade; seu posterior sistema, que poderemos chamar um naturalismo de meias tintas, um psicologismo ladeado de ironias veladas e de pessimismo sossegado, tem, por sua vez, uma janela escancarada para a banda das fantasias românticas, não raro das mais exageradas e aéreas.

Toda a obra do escritor é um produto *sui-generis*, dando-nos o exemplo duma espécie de ecletismo maneiroso, ponderado, discreto, em que se refletem as forças de um espírito valoroso, é certo, porém fundamentalmente plácido e tranquilo.

Outro preconceito que é mister arredar, é o de não poder o autor de *Iaiá Garcia* ser apreciado pelo critério nacionalista.

Machado de Assis pode e deve ser também julgado pelo critério nacionalista, que aliás não reputamos o único critério nestes assuntos; por mais de uma face o poeta das *Falenas*, o romancista de *Ressurreição*, presta-se à operação e não sai amesquinhado.

A inspiração nacionalista não é, ao que se repete vulgarmente, a que é mais pegada à vida nacional. Se assim fora, não teríamos dado importância a Álvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, Aureliano Lessa, Varela, Castro Alves, Tobias Barreto, que, entre os românticos, estão na primeira fila dos poetas, já não falando no velho Cláudio da Costa, que ocupa o primeiro posto entre os clássicos.

O espírito nacional não está estritamente na escolha do tema, na eleição do assunto, como se costuma supor.

Não é mais possível hoje laborar em tal *mal-entendu*. O caráter nacional, esse *quid* quase indefinível, acha-se, ao inverso, na índole, na intuição, na visualidade interna, na psicologia do escritor. Tomasse um eslavo, um russo, como Tolstoi,

por exemplo, um tema brasileiro, uma história qualquer das nossas tradições e costumes, havia de tratá-la sempre como russo. Isto é fatal. Tomasse Machado de Assis um motivo, um assunto entre as lendas eslavas, havia de tratá-lo sempre como brasileiro, queremos dizer, com aquela maneira de sentir e pensar, aquela visão interna das cousas, aquele *tique*, aquele sestro especial, se assim nos podemos expressar, que são o modo de representação espiritual da inteligência brasileira.

Não há livro menos alemão pelo assunto do que o *Faust*; não existe outro mais alemão pelo espírito. O tema é universal, é humano, a execução é germânica.

Machado de Assis não sai fora da lei comum, não pode sair, e ai dele se saísse. Não teria valor. Ele é um dos nossos, um genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada.

Seus romances, seus contos, suas comédias encerram vários tipos brasileiros, genuinamente brasileiros, e ele não ficou, ao jeito de muitos dos nossos, na decoração exterior do quadro; mais penetrante do que muitos desses, foi além, e chegou até a criação de verdadeiros tipos sociais e psicológicos, que são nossos em carne e osso, e essas são as criações fundamentais de uma literatura. Que tal é aquele *Luiz Garcia*, aquele *Antunes*, aquela *Valéria*, aquele *Procópio Dias*, aquela *Estela*, todos estes só no pequeno livro de *Iaiá Garcia*?

Que vêm a ser aquele *Carlos Maria*, aquele *Freitas*, aquele *Palha*, aquela *Fernanda*, aquele *Teófilo*, aquela *Tonica*, aquele *Camacho*, e esse impagável major *Siqueira*, todos dessa extensa galeria de *silhouettes* que se chama *Quincas Borba*? Nos contos então a messe é ainda maior...Será preciso lembrar o *Diplomático*, esse curioso *Rangel*, que é um modelo do gênero, ou certos tipos de *Alienista*, e da *Galeria póstuma*, tão brasileiros em tudo?

Como poeta, o autor de *Brás Cubas* publicou quatro coleções de versos: *Crisálidas* em 1864, *Falenas* em 1869, *Americanas*, em 1875, *Ocidentais*.

A índole do talento de Machado de Assis não era a de um apaixonado e ardente poeta.

Faltava-lhe a imaginação vivace, alada, rápida, apreensora, capaz de reproduzir as cenas da natureza ou da sociedade, e daí a sua incapacidade descritiva e seu desprazer pela paisagem.

A poesia do notável fluminense, pondo de parte certa feição patriótica. que se acha nas *Americanas*, tem três notas capitais: uma sonhadora e pessoal, outra humorista e docemente irônica, a terceira de certa curiosidade por cousas estranhas, por quadros afastados e peregrinos.

O livro onde melhor se acham juntas essas três notas é o das Falenas. A primeira se encontra em *Prelúdio, Ruínas, Musa dos olhos verdes, Sombras...* a segunda está em *Menina e moça, Lágrimas de cera, Pálida Elvira...* a última naqueles oito quadrinhos imitados da poesia chinesa.

As duas primeiras feições são as mais distintas, e por elas é que deve ser principalmente apreciado.

Não é um temperamento robusto. de órgãos abertos para o mundo exterior a receberem e a entornarem-lhe n'alma as sensações fortes, variadas, intensas e múltiplas da natureza e da vida universal.

Não conhece essa intimidade com os grandes fenômenos externos, a camaradagem com as árvores e os animais, a embriaguez pelas fortes cenas das montanhas, dos mares, dos campos, das matas; nem a efusão inebriante do espetáculo dos céus imensos ou profundos, ou sombrios, ou brilhantes, ou borrascosos, ou azuis, ou estrelados; nem as cenas inefáveis das manhãs e das tardes tropicais, as mil cambiantes da paisagem, a eloquência infinita e muda, o quebranto intraduzível das noites calmas e estivais.

As sensações que nele predominam são as da visão, porque de preferência são desse gênero as imagens que emprega; mas o colorido é sem intensos brilhos; o desenho anguloso e desigual; nada de fortes descrições, de amplos quadros, de vigorosas cenas, de reproduções realistas do mundo.

Se não há amplamente a cor, a luz, não há também o contorno, a plástica, a tateação das formas, doces, puras, rítmicas.

Não existe também o som, a música, a soletração indefinível que os sonhadores panteístas sentem emanar de tudo, evoluir de todas as cousas.

O poeta é plácido; tudo se lhe afigura *tranquilo*, tudo assume feições de quieto *asilo* a seus olhos. Não há em nossa língua autor de versos que abusasse mais destas palavras.

A poesia para ele é uma abstrata mansão, onde habitam a *esperança* e a *saudade*, é um refúgio tranquilo, um sossegado asilo, terra pura e santa, onde há um suave remédio para os tristes, onde a musa verte seus bálsamos e converte as lágrimas em pérolas, onde se transforma o viver, acalma-se a tristeza, a dor se abrande e cala, canta a alma e suspira; enfim, alguma causa de comparável à Alemanha por que sonhava a ingênua moça, amante de André Roswein, no drama *Dalila* de Octave Feuillet!...

O estilo nas composições de lirismo narrativo e às vezes nas de feição humorística é seguro, correto, límpido, pôs to que demasiado sóbrio e pouco abundante.

O vocabulário não é dos mais ricos, mas é escolhido e de bom cunho.

Manhã de inverno é um caso desses; *Menina e moça* é outro. Ouçam as quadras da primeira:

*"Coroada de névoas, surge a aurora
Por detrás das montanhas do oriente;
Vê-se um resto de sono e de preguiça,
Nos olhos da fantástica indolente.*

*Névoas enchem de um lado e de outro os morros
Tristes como sinceras sepulturas,
Essas que têm por simples ornamento
Puras capelas, lágrimas mais puras.*

*A custo rompe o sol; a custo invade
O espaço todo branco; e a luz brilhante
Fulge através do espesso nevoeiro,
Como através de um véu fulge o diamante.*

*Vento frio, mas brando, agita as folhas
Das laranjeiras úmidas da chuva;
Erma de flores. curva a planta o colo,
E o chão recebe o pranto da viúva.*

*Gelo não cobre o dorso das montanhas,
Nem enche as folhas trêmulas a neve;
Galhardo moço. o inverno deste clima
Na verde palma sua história escreve.*

*Pouco a pouco dissipam-se no espaço
As névoas da manhã; já pelos montes
Vão subindo as que encheram todo o vale:
Já se vão descobrindo os horizontes.*

*Sobe de todo o pano: eis aparece
Da natureza o esplêndido cenário;
Tudo ali preparou c'os sábios olhos
A suprema ciência do empresário:*

*Canta a orquestra dos pássaros no mato
A sinfonia alpestre, – a voz serena
Acorda os ecos tímidos do vale:
E a divina comédia invade a cena."*

É o velho estilo do romantismo.

Não ficou, porém, preso a essa escola o nosso poeta; nos últimos anos sacrificou em aras parnasianas. A esta última fase pertencem duas pequenas peças, *Círculo vicioso* e *Mosca azul*, que muitos sabem de cor.

Eis aqui o *Círculo vicioso*:

*"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura estrela.
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:*

*–"Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:*

*– "Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila capela:*

*– "Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?"*

É correto e bem feito incontestavelmente. Machado de Assis ficará, porém, como prosador, como quem mais fundo, no Brasil, penetrou no romance e no conto os abismos d'alma humana. Não é pequena glória, como vamos já ver.

O estudo da parte mais notável da obra literária de Machado de Assis, no romance e no conto, deve ser feito em seus elementos capitais: o estilo, o humour, o pessimismo, os caracteres. A análise destes quatro aspectos da obra fará conhecer a fundo o homem e o escritor. Começemos pelo estilo.

O estilo de Machado de Assis não se distingue pelo colorido, pela força imaginativa da representação sensível, pela movimentação, pela abundância, ou pela variedade do vocabulário. Suas qualidades mais eminentes são a correção gramatical, a propriedade dos termos, a singeleza da forma.

O nosso romancista não tem grande fantasia representativa. Em seus livros de prosa, como nos de versos, conforme deixamos notado, falta completamente a paisagem, falham as descrições, as cenas da natureza, tão abundantes em Alencar, e as da história e da vida humana, tão notáveis em Herculano e em Eça de Queiroz.

O estilo de Machado de Assis, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivace, nem rútilo, nem grandioso, nem eloquente. É plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente, do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem.

Machado de Assis repisa, repete, torce e retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão dum tal ou qual tartamudear. Esse vezo, esse sestro, tomado por uma cousa conciosamente praticada, elevado a uma manifestação de graça e humour, era o resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra.

É abrir ao acaso qualquer livro do prosador fluminense. Seja o mais antigo de seus volumes de contos, e logo na primeira página:

"Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhe Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma Inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dous grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roast beef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. Uma tal Miss Dollar deve ter o poeta Tennyson de cor e ler Lamartine no original; se souber o português deve deliciar-se com a leitura de Camões ou os Cantos de Gonçalves Dias. O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro.

A figura é poética, mas não é a da heroína do romance.

Suponhamos que o leitor não é dado a estes devaneios e melancolias; nesse caso imagina uma Miss Dollar totalmente diferente da outra. Desta vez será uma robusta Americana, vertendo sangue pelas faces, formas arredondadas, olhos vivos e ardentes, mulher feita, refeita e perfeita. Amiga da boa mesa e do bom copo, esta Miss Dollar preferirá um quarto de carneiro a uma página de Longfellow, cousa naturalíssima quando o estômago reclama, e nunca chegará a compreender a poesia do pôr-do-sol. Será uma boa mãe de família, segundo a doutrina de alguns padres-mestres da civilização. isto é, fecunda e ignorante.

Já não será do mesmo sentir o leitor que tiver passado a segunda mocidade e vir diante de si uma velhice sem recurso. Para esse, a Miss Dollar verdadeiramente digna de ser contada em algumas paginas, seria uma boa Inglesa de cinqüenta anos, dotada com algumas mil libras esterlinas, e que, aportando ao Brasil em procura de assunto para escrever um romance, realizasse um romance verdadeiro, casando com o leitor aludido. Uma tal Miss Dollar seria incompleta se não tivesse óculos verdes e um grande cacho de cabelo grisalho em cada fonte. Luvas de renda branca e chapéu de linho em forma de cuia. seriam a última demão deste magnífico tipo de ultramar.

Mais esperto que os outros, acode um leitor dizendo que a heroína do romance não é nem foi Inglesa, mas Brasileira dos quatro costados, e que o nome de Miss Dollar quer dizer simplesmente que a rapariga é rica.

A descoberta seria excelente, se fosse exata; infelizmente nem esta nem as outras são exatas. A Miss Dollar do romance não é a menina romântica, nem a mulher robusta, nem a velha literata, nem a Brasileira rica. Falha dessa vez a proverbial perspicácia dos leitores. Miss Dollar é uma cadelinha galga."

Percebe-se que não há nativa fluência na língua, nem movimento nas idéias; é alguma coisa que não vem de fonte copiosa e precípita, porém que escorre docemente como um veio pouco abundante, posto que límpido e suave. É que tal essencialmente é o espírito do romancista. Pouco vasto, possui em alto grau a facilidade da reflexão. Com um punhado de idéias pouco extensas, com um vocabulário que não é dos mais ricos, faz muitas e repetidas voltas em torno dos fatos e das noções que eles lhe deixam na inteligência, orientada por um imperturbável bom-senso, que lhe supre a imaginação e ajuda a observação que não deixa de ser notável. O cultivo dos bons mestres da língua forneceu-lhe certas formas de construção e de frase que lhe imprimem ao estilo a graciosidade da correção e apuro gramatical, na falta de outras qualidades mais brilhantes.

É um distinto prosador pela correção, pela simplicidade, pela propriedade das imagens, pelo adequado das comparações, pelo apropriado dos qualificativos.

Ele é o artista da frase média, cadenciada, medida, onde a palavra é catada com peculiar interesse, o qualificativo é esmerilhado com especial apuro; onde certos e determinados vocábulos entram como indispensável ornato.

Citaremos uma de suas mais belas páginas.

É quando descreve, em Quincas Borba, o passeio matinal de Carlos Maria, o céptico e meio blasé Carlos Maria, no dia do seu noivado. Eis aqui esse misto de velado humorismo e discreta poesia:

" – Ainda bem que se casa! repetiu o Rubião.

Não se demorou o casamento: três semanas. Na manhã do dia aprazado, Carlos Maria abriu os olhos com algum espanto. Era ele mesmo que ia casar? Não havia dúvida; mirou-se ao espelho, era ele.

Relembrou os últimos dias, a rápida marcha dos sucessos, a realidade da afeição que tinha à noiva, e, enfim, a felicidade pura que lhe ia dar. Esta derradeira ideia enchia-o de grande e rara satisfação.

las ruminando ainda, a cavalo, no passeio habitual da manhã; desta vez escolhera o bairro do Engenho Velho.

Posto se achasse costumado aos olhares admirativos, via agora em toda a gente um aspecto parecido com a notícia de que ele ia casar. As casuarinas de uma chácara, quietas antes que ele passasse por elas, disseram-lhe cousas mui particulares, que os levianos atribuiriam à aragem que passava também, mas que os sapientes reconheciam ser nada menos que a linguagem nupcial das casuarinas.

Pássaros saltavam de um lado para outro, pipilando um madrigal. Um casal de borboletas, – que os japões têm por símbolo da fidelidade, por observarem que, se passam de flor em flor, andam quase sempre aos pares, – um casal delas acompanhou por muito tempo o passo do cavalo, indo pela cerca de uma chácara que beirava o caminho, voltando aqui e ali, lépidas e amarelas.

De envolta com isto, um ar fresco, céu azul, caras alegres de homens montados em burros, pescoços estendidos pela janela fora das diligências, para vê-lo e ao seu garbo de noivo. Certo, era difícil crer que todos aqueles gestos e atitudes da gente, dos bichos e das árvores, exprimissem outro sentimento que não fosse a homenagem nupcial da natureza.

As borboletas perderam-se em uma das moitas mais densas da cerca. Seguiu-se outra chácara, despida de árvores, portão aberto, e ao fundo, fronteando com o

portão, uma casa velha, que encarquilhava os olhos sob a forma de cinco janelas de peitoril, cansadas de perder moradores. Também elas tinham visto bodas e festins; o século ainda as achou verdes de novidade e de esperança.

Não cuideis que esse aspecto contristou a alma do cavaleiro. Ao contrário, ele possuía o dom particular de remoçar as ruínas e viver da vida primitiva das cousas. Gostou até de ver a casa velhusca, desbotada, em contraste com as borboletas tão vivas de há pouco.

Parou o cavalo; evocou as mulher que por ali entraram, outras galas, outros rostos, outras maneiras. Porventura as próprias sombras das pessoas felizes e extintas vinham agora cumprimentá-lo também, dizendo lhe pela boca invisível todos os nomes sublimes que pensavam dele. Chegou a ouvi-las e sorrir.

Mas uma voz estrídula veio mesclar-se ao concerto: – um papagaio, em gaiola pendente da parede externa da casa: "Papagaio real, para Portugal: quem passa? Currupá. papá. Grrr... Grrr..." As sombras fugiam, o cavalo foi andando. Carlos Maria aborrecia o papagaio, como aborrecia o macaco, duas contrafações da pessoa humana, dizia ele.

– A felicidade que eu lhe der será assim também interrompida? reflexionou andando.

Cambaxirras voaram de um para outro lado da rua e pousaram cantando a sua língua própria: foi uma reparação. Essa língua sem palavras era inteligível, dizia uma porção de cousas claras e belas. Carlos Maria chegou a ver naquilo um símbolo de si mesmo. Quando a mulher, aturdida dos papagaios do mundo, viesse caindo de fastio, ele a faria erguer aos trilos da passarada divina, que trazia em si, idéias de ouro, ditas por uma voz de ouro. Oh! como a tornaria feliz! Já a antevia ajoelhada, com os braços postos nos seus joelhos, a cabeça nas mãos e os olhos nele, gratos, devotos, amorosos, toda implorativa, toda nada."

Eis aí: é o quadro mais completo, como pintura e descrição, que se encontra em toda a obra de Machado de Assis, em que ele mais habilmente juntou a imaginação, a poesia e o *humour*, em que mais docemente casou a natureza exterior a uma situação d'alma humana.

Falemos agora do humorismo e pessimismo do nosso romancista.

Depois da mutação por que, de 1870 em diante, foi passando o espírito dos intelectuais brasileiros, sob a influência partida da escola de Recife, houve certo grupo de românticos que não tiveram a coragem de atirar fora a velha bagagem e tomar outra nova, entrando nesse renovamento do pensar nacional pela

crítica, e começaram a se mostrar amuados, displicentes, irônicos, desgostosos, rebuscados, misteriosos e pessimistas.

Impotentes já, pela idade, de tomar um partido definido entre as grandes correntes filosóficas que dividiam o século, materialismo, positivismo, evolucionismo, monismo transformístico, hartmanismo, ficaram a burilar frases com o ar enigmático de faquires, falando em nome de não sabemos que cousas ocultas que fingiam saber.

Neste singular grupo Machado de Assis foi chefe de fila.

Ele sentiu também, numa certa hora, o desgosto que, em momento psicológico, se apoderou d'alma brasileira. Mas sentiu-o de leve.

Papéis Avulsos, Várias Histórias, Brás Cubas, Quincas Borba... são amostras desse humorismo pacato, desse pessimismo vistoso e intencional, que atacou o espírito público, antes que ele tomasse gosto e jeito para passar adiante.

O *humour*, nestas condições, não é natural e espontâneo; é um capricho, uma coisa feita segundo certas receitas e manipulações.

Ora, o *humour* não é artefato que se possa imitar com vantagem; porque ele só tem real merecimento quando se confunde com a índole mesma do escritor.

O humorista é porque é e porque não pode deixar de ser. Dickens, Carlyle, Swift, Sterne, Heine foram humoristas fatalmente, necessariamente; não podia ser por outra forma. A índole, a psicologia, a raça, o meio tinha de fazê-los como foram.

Tomaz Hood, Fielding, Richter, ou qualquer dos citados acima, ninguém de bom senso pode acreditar que escrevessem as *Americanas, Helena, Iaiá Garcia, A Mão e a Luva, Ressurreição, Crisálidas*, isto é, seis livros onde tudo poderá existir, menos o genuíno *humour*, seis livros que representam um grande *mortalis oevi spatium* do nosso autor, sem que este desse, de longe ou de perto, o menor sinal de ocultar em si o espírito mefistofélico dos humoristas de raça.

O Machado de Assis dos últimos anos era fundamentalmente o mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico, meio realista, uma espécie de *juste milieu* literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéias, de meios sistemas, agravado apenas pelo vezo humorístico, que não lhe ia bem, porque não ficava a caráter num ânimo tão calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado, como era o autor de *Tu só, tu, puro amor*.

A manifestação mais aproveitável de seu talento foi certa aptidão de observação comedida e a capacidade de a revestir, em suas obras, de uma forma correta e pura.

A princípio o poeta e romancista diluía por tudo aquilo certo lirismo, doce, suave, *tranqüilo*; depois teve veleidades de pensador, de filósofo, e entendeu que devia polvilhar os seus artefatos de *humour*, e, às vezes, de cenas com pretensão ao *horível*.

O temperamento, a psicologia do notável brasileiro não eram os mais próprios para produzir o *humour*, essa particularíssima feição da índole de certos povos. Nossa raça em geral é incapaz de o produzir espontaneamente.

Nossa raça produz facilmente o cômico, que se não, deve confundir com o *humour*.

O cômico ri pelo gosto de rir, porque em tudo sabe farejar o grotesco. O humorista ri com melancolia, quando devia chorar; ou chora com chiste, quando devia apenas rir. A situação é diversa e mais complicada do que a do espírito simplesmente cômico.

Como quer que seja, não se encontram em Machado de Assis os característicos do humorista descritos pelos mestres da crítica.

Não tinha aquela visualidade subjetiva da contradição entre o ideal e a realidade no mundo e no homem, que o forçasse constantemente à nota artística do *humour*.

Não tinha aquela efusão contínua da sensibilidade, que tal estado d' alma determina. Não possuía aquela particular superioridade de julgamento dos homens e das cousas, e descambava quase sempre, em seus últimos livros, para o pessimismo, que não é o humorismo, e algumas vezes talvez para uma espécie de misantropia, coisa por outro lado também diversa do pessimismo.

Se se pode tomar Lawrence Sterne como o tipo de escritor humorista e os seus livros como modelo do gênero, não há no mundo das letras dois homens mais dessemelhantes do que o autor de *Ressurreição* e o de *Tristram Shandy*, e não existem obras mais diferentes do que as do autor inglês e as do brasileiro.

Sterne era um misto singular de volubilidade e paixão, de sentimentalismo e leviandade. Pastor protestante e crente na sua religião, era um perpétuo namorado, metido em aventuras apaixonadas que o levaram quase ao delírio. Filho de militar inglês, conheceu a vida da caserna e das guarnições de cidade em cidade; de família burguesa, e mais tarde pastor d' aldeia, tendo passado

pela Universidade, pôs-se em contacto com a média da sociedade, onde são mais tenazes as recordações e mais variados os tipos.

Daí a grande fonte em que se abeberava a sua imaginação travessa, o seu carácter inconstante, a sua índole versátil.

Por isso é que encheu *Tristram Shandy* e a *Viagem Sentimental* de tantas cenas que são verdadeiros prodígios d'arte humorística e conseguiu criar dois tipos dos mais originais da literatura universal. Algumas destas cenas, como a história de *Le Fèvre*, a morte de *Yorik*, os dois asnos, o asno morto de Nampont, e o de massa-pão, a mosca do irmão de Tristram, são, no dizer dos mestres, verdadeiras obras-primas. Quanto aos tipos, isto é, os dois manos *Shandys*. são dois caracteres animados, duas criações cheias de realidade, de movimentação, de força, de vida, em suma, que parecem dois entes tomados ao natural, tipos representativos de duas classes de seres humanos, sem abstracção, e na mais completa espontaneidade da existência.

Nem o nosso sensato, manso, criterioso e tímido Machado se pareceu com Lawrence Sterne, nem ele jamais ideou nada, que lembre os dois irmãos *Shandys*.

Lancemos rápidos olhares sobre o pessimista, que se quis manifestar especialmente nas *Memórias de Brás Cubas*, no *Quincas Borba* e em *Dom Casmurro*.

Antes de tudo, uma nota que se nos antolha indispensável: nós os brasileiros não somos em grau algum um povo de pessimistas. Em nossa alma nacional, em nossa psicologia étnica não se encontram as tremendas tendências do desalento mórbido e de resignação consciente diante da miséria, da mesquinhez, do nada incurável da existência humana.

Nas raças arianas, a que supomos levemente pertencer de todo, mas a que de fato só pertencemos em limitadíssima parte, nas raças arianas, só entre indus e eslavos, os psicólogos das nações têm encontrado insistentemente tão desoladoras tendências. Entre germânicos, gentes essencialmente enérgicas, não se dá o fato, senão, por assim dizer, esporadicamente e de modo exterior, sem alcance sério. Tal o caso de um Schopenhauer, de um Hartmann, de um Taubert, a quem erroneamente alguns juntam, sem a mínima razão, Frederico Nietzsche, que era exatamente o contrário de um pessimista. O mesmo se pode dizer dos latinos com seu Tácito antigo, ou seu moderno Leopardi. Nós brasileiros somos faladores, desrespeitadores das conveniências, assaz inquietos, até onde nos deixa ir nossa ingênita apatia de meridionais, mas não somos pessimistas, nem nos agrada o terrível desencanto de tudo, sob as formas desesperadoras dos *nirvanistas* à Buda ou à Schopenhauer.

Em nosso mundo ocidental os poucos verdadeiros pessimistas, os desabusados de tudo e de todos, irremediavelmente condenados a sofrer a imensa dor inapagável das desilusões, mais do que desilusões, verdadeira condenação e prisão da vida, são sempre seres completamente desequilibrados, como era Baudelaire, como era Ed. Poe, como era em parte Flaubert, como era o próprio Schopenhauer.

Não era este precisamente o caso de Machado de Assis. Seu espírito era velado, discreto, *tranquilo*; mas era doce e comunicativo. Não andava carregado de sombras; usava de *bons mots*, de trocadilhos, de *calembures*; ria facilmente, posto que com certa reserva; sentia-se que não se entregava de todo, não abria largamente todas as portas d'alma à curiosidade estranha; mas dava a impressão da calma, da serenidade.

Alguns explicam o pessimismo pela hiperestesia. Muitas vezes tal aumento considerável da sensibilidade conduz apenas ao *humour*, como foi o caso de Dickens e de Heine; ou à simples melancolia, como em Chateaubriand ou Lamartine; ou ao mero cepticismo, como em Musset e Shelley. E muitas vezes a hiperestesia, até levada ao excesso do delírio de perseguição, como em Rousseau, chega, ao través da melancolia, a um acentuado otimismo. E, ainda mais, não é raro um espírito equilibrado, sadio, como o de Voltaire, vir a chegar, como nota final de sua concepção do mundo, a conclusões pessimísticas. É este também o caso de Vigny. Há, pois, duas espécies de pessimismo, um, profundo, irreduzível, que é tanto da cabeça como do coração, e aparece quando se dá a conjunção do dismantelo da sensibilidade com certas tendências do espírito e da cultura filosófica do indivíduo; é o de Schopenhauer, Baudelaire, Leopardi, Flaubert, Byron *et reliqui*; outro, só da cabeça, sem grandes raízes, meramente especulativo e sem chegar a tremendas crises que envolvam o coração; e desta espécie é o de Voltaire e Machado de Assis.

A questão do pessimismo tem de esmiuçar o problema da sensibilidade e da intelectualidade dos escritores, lado subjetivo do assunto, e, ao mesmo tempo, a ação das peripécias, das pressões da sociedade sobre eles, lado objetivo do fenômeno. Só com um estudo, assim completo, sobre cada autor, poder-se-ia conhecer a natureza de sua intuição pessimística ou não sobre o mundo e a existência.

Pelo que toca aos vaivens da sociedade. bem se vê como eles atuam diversamente sobre os homens e daí a variedade de casos que se nos deparam.

Existem os grandes felizes otimistas, o que é natural; os grandes felizes que se dão ao luxo de ser pessimistas, o que não deixa de ser muitas vezes bem singular; há os grandes sofrendores pessimistas, o que é explicável; os grandes

desgraçados que têm a generosidade de se mostrar otimistas, o que merece peculiar atenção. Mas a lista ainda está bem longe de ser completa: há os sofrendores. que, por circunstâncias várias da sensibilidade e da inteligência, chegam a certo pessimismo apenas teórico, espécie de protesto para uma mais perfeita organização das cousas.

Neste grupo é que se há de colocar o nosso Machado de Assis.

Não se pode contestar nele o pessimismo, mais acentuado ainda do que o seu humorismo; mas assim como este se agravou inutilmente em suas últimas obras com certas fórmulas meramente convencionais, também o seu pessimismo da última fase tem alguma cousa de exterior.

Há uma nota nas *Memórias de Brás Cubas* e noutros dos mais recentes livros de Machado de Assis, que deve ser assinalada para completa apreciação de sua personalidade: a coloração de horrível que imprime em alguns de seus quadros.

Falta neste ponto a Machado um não sabemos quê que é uma espécie de impavidez na loucura, qualidade possuída pelo grande Ed. Poe e de que é um medonho exemplo o seu *Gato preto*, ou um certo tom grandioso e épico que estruge nalgumas páginas da *Casa dos Mortos* de Dostoiewsky, capazes de emparelhar com algumas cenas de Dante.

Mas em língua portuguesa ninguém, no gênero, se elevou tão alto quanto Machado, nem no Brasil, nem em Portugal, convém afirmá-lo.

Resta, para completar o perfil do ilustre brasileiro, apreciá-lo como criador de caracteres ou tipos. Mas, por esta face, poucas linhas bastarão. Machado de Assis não conseguiu criar um verdadeiro e completo tipo vivo, real, ao gosto e com a mestria dos grandes gênios inventivos das letras. Tem, sim, alguns esboços, muito bem feitos, quer gerais, quer brasileiros, mas não passam de esboços. Não existe um só que tenha entrado na circulação com a assinatura da vida. O mesmo deu-se com Macedo, Manuel de Almeida, Franklin Távora, Escragnolle Taunay, Bernardo Guimarães, Agrário de Meneses, e com o próprio Alencar. Este logrou apenas criar três nomes, *Iracema*, *Peiri* e *Moacir*, que se tornaram populares; mas só os nomes, como já ponderamos.

Martins Pena foi um pouco adiante e chegou a criar alguns paradigmas, espécies de moldes de indivíduos das classes populares, mas puramente abstratos. Tais são o do *juiz-de-paz* toleirão, o do noviço endiabrado, o do *irmão das almas* velhaco e outros assim, como verdadeiras categorias sociais, não como homens vivos a moverem-se na vida diária. Tanto é isto verdade que de tais indivíduos ninguém se lembra dos nomes próprios e apenas vagamente das ações. Macedo, como também já foi lembrado, deu-nos o *Capitão Tibério*, figura viva,

que vai, porém, sendo esquecida. Os tipos de Machado de Assis, quer gerais e humanos, quer mais particulares e brasileiros, não lograram entrar na circulação tradicional.

Alguns dos indicados nas páginas atrás são bem interessantes; mas não chegam a ser verdadeiras figuras que se gravem na mente do público para sempre.

É inútil estudar o comediógrafo e o crítico. Não tinha individualidade poderosa em nenhuma dessas especialidades. Suas comédias são contos dialogados sem vida autônoma, sem as vantagens da novelística.

Suas críticas são ainda contos, menos a espontaneidade da narrativa. Machado, neste último terreno, não tinha a habilidade de descrever um caráter, ao gosto de Sainte Beuve, Taine, Macaulay, Renan, Faguet, Hennequin; nem possuía a destreza precisa para labutar entre as idéias e manter-se potente no meio do intrincado das doutrinas e sistemas, qualidade máxima de Scherer. Devemos concluir, insistindo sobre o poeta, o contista, o romancista, especialmente estes dois últimos.

Os melhores trechos de seus livros são aqueles em que revela as qualidades de observador de costumes e de psicologista, aqueles em que dá entrada a cenas de nosso viver pátrio, de nossos usos e sestros sociais.

Infelizmente, não são abundantes os casos do gênero. Mas peguemos das próprias Memórias Póstumas de Brás Cubas e apreciemos pequenos quadros de nossa vida brasileira.

Aqui está um, quando, no cap. X, Cubas fala de seu batizado e padrinhos:

"Item, não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do ano seguinte, 1806; batizei-me na igreja de São Domingos, uma terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o Coronel Rodrigues de Matos e sua senhora. Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte e honravam deveras o sangue que lhes corria nas veias, outrora derramado na guerra contra Holanda. Cuido que os nomes de ambos foram das primeiras coisas que aprendi; e certamente os dizia com muita graça, ou revelava algum talento precoce, porque não havia pessoa estranha diante de quem me não obrigassem a recitá-los.

– Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.

– *Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor Coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora D. Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.*

– *É muito esperto o seu menino, comentavam os ouvintes.*

– *Muito esperto, concordava meu pai; e os olhos babavam-se-lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava-me longo tempo, namorado, cheio de si.*

Item, comecei a andar, não sei bem quando, mas antes do tempo. Talvez por apressar a natureza, obrigavam-me cedo a agarrar às cadeiras, pegavam me da fralda, davam-me carrinhos de pau. – Só só, nhonhô, só só, dizia-me a mucama. E eu, atraído pelo chocalho de lata, que minha mãe agitava diante de mim, lá ia para a frente, cai aqui, cai acolá; e andava, provavelmente mal, mas andava, e fiquei andando."

É delicioso, como cor local e veracidade de observação.

Mais outro, também copiado ao vivo de nossos costumes do tempo da escravidão. É do cap. XI:

"Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo, – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhonhô!" – ao que eu retorquia: – "Cala a boca, besta!" – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me

em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos."

Outro, finalmente, aqui inserimos que traz a pintura dos tempos escolares, na época dos chamados mestres régios. O traço é firme, posto que demasiado sóbrio:

"Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos.

Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, muito pouco e muito leve. Só era pesada, a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o compelle intrare com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, – ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.

Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta página: Ludgero Barata, – um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote a chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças, – umas largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se ele a encontrava ainda nas horas da aula, dava um pulo, circulava os olhos chamejantes, dizia-nos os últimos nomes: éramos sevandijas, capadócios, malcriados, moleques. – Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava

o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dois peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Fugamos sobretudo desse passado tão remoto, tão coberto, ai de mim! de cruces fúnebres."

Trechos como estes, repetimos, são felizmente raros nos livros do célebre escritor, e é pena que o sejam.

Era um filão que ele devia profundar esse do caráter brasileiro com suas virtudes e defeitos. Sua obra seria mais variada e mais profunda. Com três ou quatro paletadas o emérito estilista sabia, quando queria pôr de pé um sujeito e fazê-lo mover-se à nossa vista.

E com estas notas voltamos a um dos pontos donde partíramos. O autor de *Dom Casmurro* pode e deve ser também apreciado pelo critério nacionalista.

O *nisus* central e ativo de Machado de Assis era de brasileiro, e como tal se revelava no caráter essencial de sua obra de mestiço e até em várias roupagens exteriores, quando assestava a observação mais diretamente para as cousas pátrias.

Creemos poder defini-lo em poucas palavras:

Machado de Assis não era um satírico; a mais superficial leitura de qualquer de suas obras mostram logo às primeiras páginas. Não era um cômico, nem como dizedor de pilhérias, nem como criador de tipos e situações engraçadas e equívocas. Não era também plenamente um misantropo, um *détraqué*. Não lembra, pois, nem Juvenal, nem Martins Pena, nem Molière, nem de todo Baudelaire, ou Poe, ou Dostoiewsky. Não era, finalmente, da raça dos humanitários propagandistas e evangelizadores de povos ao gosto de Tolstoi. Era, antes, uma espécie de moralista complacente e doce, eivado de certa dose de contida ironia, como qualidade nativa, que de quando em quando costumava enroupar nas vestes de um peculiar humorismo, aprendido nos livros, e a que dava também por vezes uns ares de pessimismo intencional.

O que era seu, o que existia no seu espírito, como qualidades naturais, como bases de seu temperamento, vinham a ser o talento da análise psicológica, uma espontânea simpatia pela dignidade humana, a facilidade de generalizar os

fatos e as idéias, o que tudo dá ao complexo de sua obra certo sainete moralizante, que o humour e o pessimismo não têm força de apagar. Possuía, por certo, uma dose ingênita de ironia; mas esta não podia nunca extravasar-se tumultuária e envenenadora, por ser sofreada pela timidez fundamental do temperamento do escritor.

Tal a razão pela qual se deve afirmar a unidade da obra do poeta e do romancista através de seus trinta volumes de produção, de seus cinquenta anos de trabalho. Mostra certamente em si vivos sinais de evolução e progresso; mas esses não se fizeram como síntese de suas primeiras revelações na arena das lides espirituais, e sim como normal continuação e desdobramento delas.

O progresso consistiu no melhor manejo da linguagem, na maior correção do estilo, no mais apurado da observação, no mais penetrante da análise, em algum alargamento das idéias. Não se fez no sentido de transformar um tranqüilo e apaziguado caráter num tremendo e despejado praguejador pessimista.

É verdade que a tranqüilidade da velhice não era mais a dos anos juvenis em que o poeta escreveu as *Crisálidas* e os seus primeiros contos. A própria quietude de seu temperamento levou-o ao uso da introspecção, da meditação solitária e absorvente dos espetáculos do mundo subjetivo, que é sempre misterioso. A sua tranqüilidade da velhice não era como a das linfas mansas e rasas que espelham os céus azulados por entre folhas e flores; era a tranqüilidade das águas profundas que ocultam os grandes abismos.

No coração do notável fluminense é bem de crer que sérias dores tenham também passado, deixando lá os sinais que não se apagam. São as estalagmites coadas gota a gota na gruta dos sofrimentos.

Elas deviam lá estar e a obra do romancista deixa-as ver aqui e além no travo da frase, no lancinante dos conceitos. Mas tudo sóbrio, comedido, temperado pela brandura ingênita do homem. Quando, pois, o escritor dá largas ao seu próprio temperamento, produz as melhores e mais espontâneas páginas de seus livros; quando se entrega aos preceitos e regras que aprendeu nas obras alheias, aos tiques que foi adquirindo aos poucos, resvala, algum tanto, para o extravagante e gera os tipos incertos de suposto humorismo, como *Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e quejandos.

Para tudo dizer sem mais rodeios: Machado de Assis é grande quando faz a narrativa sóbria, elegante, lírica dos fatos que inventou ou copiou da realidade; é menor, quando se mete a filósofo pessimista e a humorista engraçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARARIPE JUNIOR

Fragmento de “Sílvio Romero Polemista”. In: ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Araripe Júnior: teoria, crítica e história. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

EUCLIDES DA CUNHA

Publicado no Jornal do Commercio em 30 de setembro de 1908.

JOÃO DO RIO

Fragmento extraído de RIO, João do. O momento literário. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905.

JOSÉ VERÍSSIMO

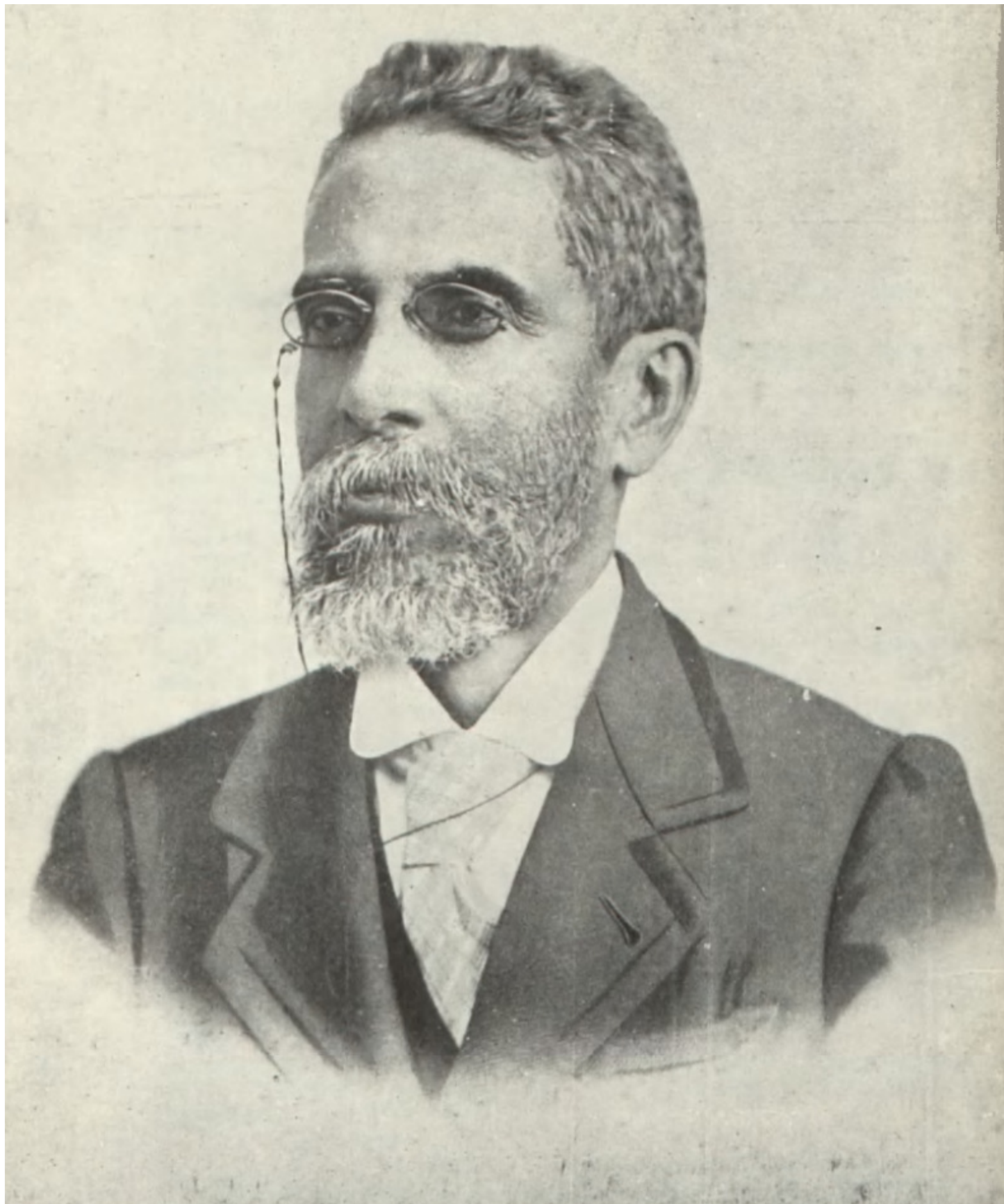
VERISSIMO, José. História da Literatura Brasileira - de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. (Col. Documentos brasileiros, nº 74). Cap XIX, Machado de Assis p. 343-359

RUI BARBOSA

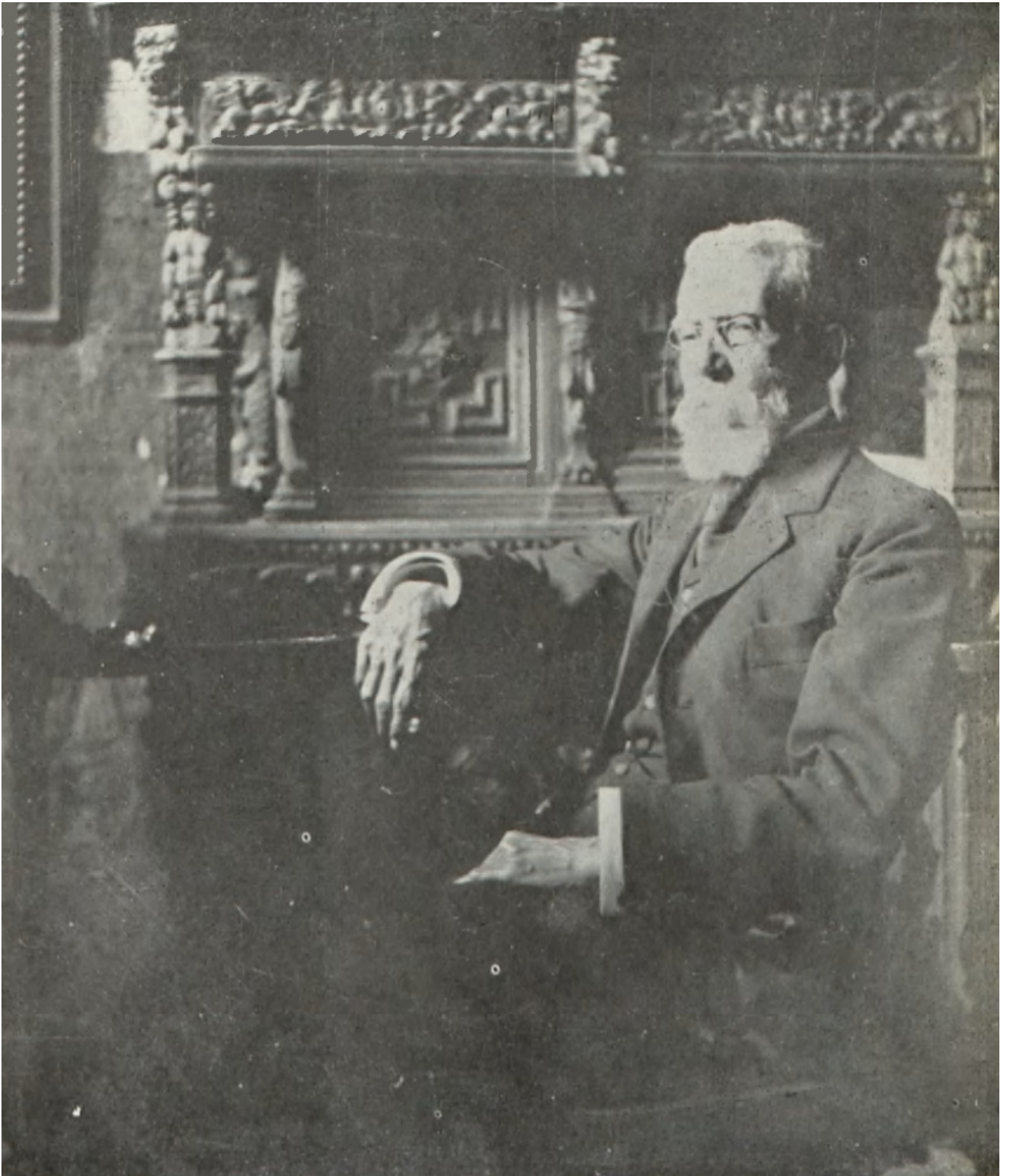
Discurso de Rui Barbosa pronunciado na Academia Brasileira, junto do ataúde de Machado de Assis, aos 29 de setembro de 1908, minutos antes de partir o féretro para o cemitério de S. João Batista. In: Obras Completas de Rui Barbosa, Discursos Parlamentares. Volume XXXV (1908), Tomo 1.

SÍLVIO ROMERO

In: ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 5ª Ed. Organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. V. 5, pp. 1617-1638.



Machado de Assis em fotografia de 1891. Acervo da Biblioteca Nacional Digital



Machado de Assis em fotografia de 1905. Acervo da Biblioteca nacional Digital



Machado de Assis

**Homenagem do
CENTRO CARIOCA**

no Centenário de seu nascimento

1839 - 21 de Junho - 1939

Homenagem do Centro Carioca ao Centenário do nascimento de Machado de Assis, em 1939. Ilustração de Aramando Pacheco. Fonte: Biblioteca Nacional Digital)



Estátua de bronze na fachada do prédio da Academia Brasileira de Letras. Acervo da Biblioteca Nacional Digital



Carolina Augusta Machado de Assis, esposa de Machado de Assis. Acervo da Biblioteca nacional Digital



Casa em que faleceu o escritor Machado de Assis (Fonte: Biblioteca Nacional Digital)

I-9,5,51

Carta 10⁷/₁₀ PB



hbb. 876 c
1975

Meu caro Raimundo Correia,

A distancia não tira a
memória aos amigos. O
seu telegramma de ontem
chegou a tempo de 14 dias
pelos que cá estavam com-
migos, e pensavam no au-
sente. Muito obrigado
pelas suas boas palavras,
e um cordial aperto de
mão. Adeus, caro poeta;
saudades de

Velho am^o & confr.
Machado de Assis.

HOMENAGEM DE FON-FON A MACHADO DE ASSIS



BILHETES

À Côra

Não tem razão a tua rápida e delicada recriminação de hontem. Não é a minha sentimentalidade affectiva por ti, que está a diminuir; não é a novidade do assumpto que me falta. É o tempo, minha doce amiga, é o tempo, que não me sobra.

Desde que o meu inefavel amigo, Dr. Assis Carvalho, nas suas funções emeritas de chronista mundano, descobriu no desageito da minha pessoa, apreciaveis aptidões naturaes para um acurado funcionamento smart, tenho levado uma vida tremendamente agitada, principalmente, depois que a confiança dignificadora do redactor chefe da *Petala de Rosa*, diario das elegancias de Todos os Santos, commetteu-me o encargo desesperado de chronista mundano daquelle suburbio.

Não me farta a elegancia chic dos *five o'clock*; não me julgo nunca satisfeito com o encanto dos *flirts* nas recepções semanaes da sociedade que se diverte, nem me empanurraram as discursseiras esmagadoras das inaugurações officias. Tenho ido a tudo, assistindo a tudo, supportingo tudo, com a heroicidade marcial de um Napoleão, ou de um japonéz como melhor exige agora a esthetica das comparações de valor militar.

Para ser completa a minha aprendizagem elegante, só me falta frequentar as sessões do Congresso, o convidado de todas as festas, conviver com o *sympathico* Dr. Miguel Calmon, o protagonista actual de todas as inaugurações e participar da intimidade do Barão do Rio Branco, o heroe de todos os banquetes. Só então poderei dar por terminada e completa a minha educação mundana.

Ahi está, portanto, minha doce amiga, a razão principal e verdadeira de serem mais espaçados estes meus pequenos e insipidos bilhetes.

Do teu FLAVIO.

No rasto de uma saia

Ubaldo Ferraz de Soja Pitada é um homem pacato, que muito préza os seus galões de capitão da guarda-nacional, mas incapaz de uma violencia rubra. Até mesmo o sangue de gallinha lhe põe arrepios na pelle.

Mas o pacato Ubaldo, bom chefe de familia e zeloso funcionario publico, tem o fraco de conquistador, se lhe passasse pelos olhos, ainda mesmo que não fosse no escuro, um cabo de vas-soura com saias, o nosso Ubaldo perderia a razão. O peor é que o desempenado Capitão Ubaldo soffre de myopia.

Ora, acontecen que, em uma dessas noites chuvosas, e por ter se partido a luneta do Ubaldo, elle mal vislumbrou na Avenida uma saia, ficou logo irrequieto como se tivesse pós de mico no corpo. A saia passou por elle, quasi a roçar-lhe os joelhos. Foi um incendio! O capitão Ubaldo piscou os olhos, pigarreou, affirmou a vista.

Era uma rapariga d'appetite. Alta, fornida de carnes, andar terso e pisar desembaraçado. Trajava de negro e ia num passo de quem diz *suivez, moi jeune homme*...

O nosso Ubaldo não quiz saber de mais nada, despregou-se no encalço da *divetti*. E, zás, ella por aqui e elle no seu rasto; ella por alli e elle toca a atravessar a rua... Mas, o demo da rapariga cada vez andava mais depressa. O Ubaldo, desesperado por seguil-a, déra varios encontrões em alguns transeuntes, esbarrára contra uma parede, por um triz que não fica esmagado sob um automovel.

Por fim, quasi ao fim da Avenida, no seu mais deserto ponto, ás nove da noite, consegue o Ubaldo acertar o passo com a sua *corça*. E logo, blandicioso, meio bábado:

— Porque me foges assim, luz de amor?...

A rapariga estacou, e com uma voz de bombardão!

— O' senhor!... pois eu?... um sacerdote... um padre!...

Ubaldo arregalou os olhos, mingou-os, esforçou-se para vêr e, dando com o reverendo que lhe parecera mulher, desfez-se em zumbaías e desculpas, em que havia o tremor do receio e o vexame do ridiculo. Pobre Ubaldo!... mas, por isso, elle perderá essa mania de conquistador a todo o transe.

João do Mangue.

Jornal do Commercio — Não offenderemos aqui a susceptibilidade do decano da imprensa carioca, denominando a p rção enorme de annos que, tão galhardamente, completou no 1º do corrente; não commetteremos esta infantilidade.

Limitamo-nos apenas a enviar-lhe as nossas sinceras e effusivas saudações por essa data que deve ser tão grata, ao venerando collega, como a todos os que trabalham na imprensa.

Escriptorio
Avenida Central, 157
1º andar
— Tel. 181 —

Club de Moveis da CASA COSTREJEAN

Venda de moveis a prestações semanaes de 7\$000
com sorteios em 50 semanas.

Fabrica e Deposito
105, Lavradio, 105
— Tel. 172 —